Nova Gazeta

Proibida a venda! Este jornal é GRÁTIS

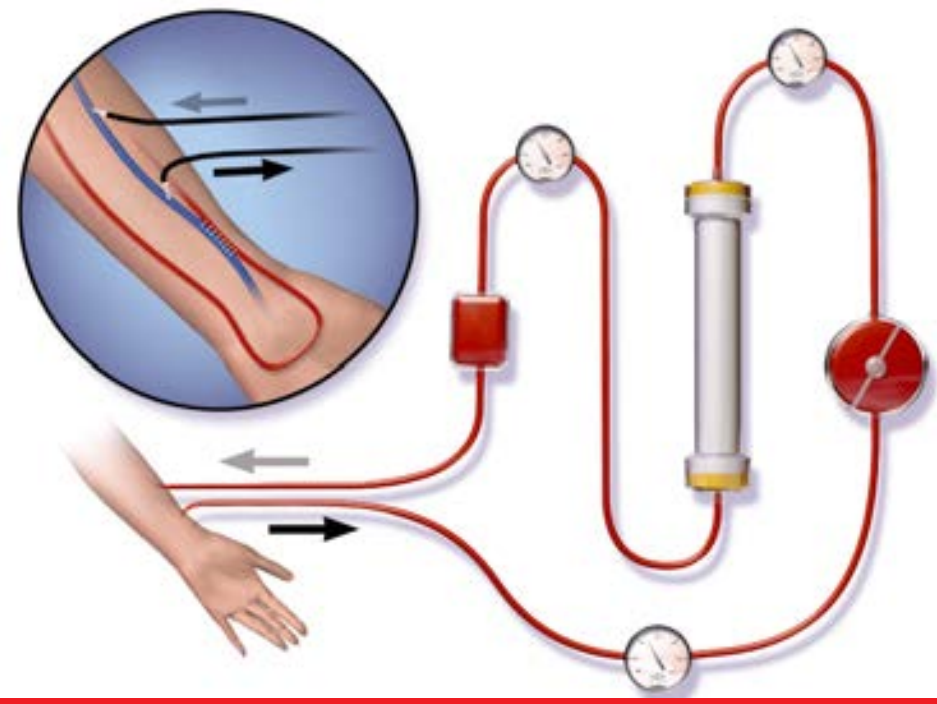
Quinta-feira 30 de Maio 2019 Semanário | **Ano**: 7 | **Edição** Nº 353
Director-Geral: Evaristo Mulaza

96.1 fm

Ministério da Saúde 'debaixo de fogo'

Centros de hemodiálise sem medicamentos

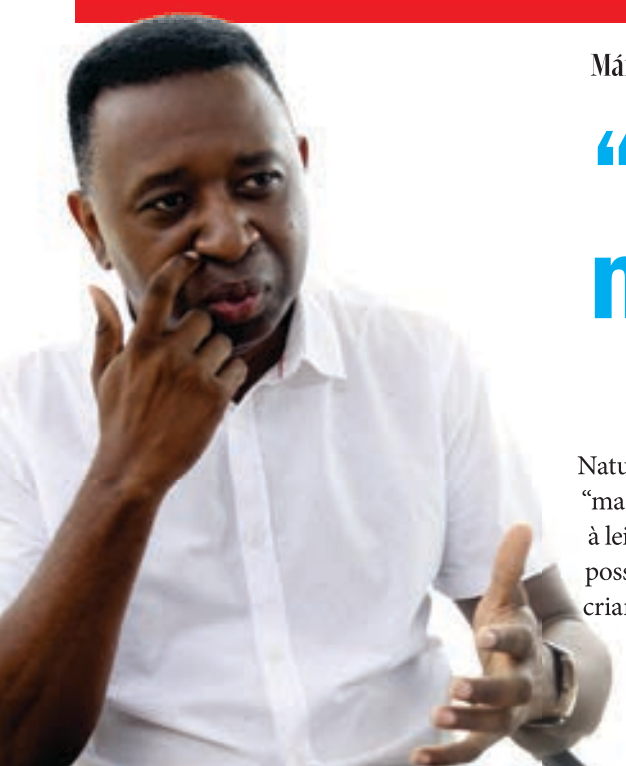
As crianças já são tratadas em salas de adultos por falta de condições. As queixas partem de Mário Rosa, que coordena centros de hemodiálise dos principais hospitais de Luanda, através de uma parceria publico-privada. O médico acusa o Ministério da Saúde de não ter cumprido com os acordos, classificando a situação como "gritante". **Págs. 2 e 3**



Para acudir em todo o país

Cruz Vermelha tem apenas duas ambulâncias

A organização em Angola sente-se de 'mãos atadas': precisa de 20 ambulâncias, tem apenas duas. Vive com falta de meios e os poucos que tem estão degradados. A nova direcção culpa quem esteve à frente da Cruz Vermelha nos últimos 12 anos. Até os apoios têm faltado, porque falta confiança. **Pág. 7**



Mário Joaquim dos Reis, especialista em literatura angolana

"Universidades não incentivam leitura"

Natural da Guiné-Bissau, o docebte considera a literatura angolana das "mais ricas" dos Palop, mas critica a estagnação, por falta de estímulos à leitura e por ausência de formação. Em entrevista ao NG, alerta que possa perder a sua pujança inicial. Mário dos Reis aconselha Angola a criar políticas para melhorar o ensino e deixar de olhar para os académicos com as cores partidárias. **Págs. 12 a 14**

Funeral marcado para sábado

Ossadas de Savimbi acordam 'fantasmas'

A polémica à volta das exéquias de Jonas Savimbi 'obriga' a encontro diplomático entre João Lourenço e Isaías Samakuva. Depois de ter garantido que não iria sair do Bié, o líder da Unita foi à Presidência da República. A Unita instalou-se no Bié e Huambo e com manifestações com gente fardada. **Págs. 8 e 9**

Sociedade

A situação tem agravado a saúde dos doentes, levando muitas vezes a mortes.

Fotos: D.R.

Responsáveis admitem problemas e acusam Ministério da Saúde

Doentes renais sem medicamentos

Os centros de hemodiálise de Luanda estão sem medicamentos. São os próprios responsáveis que admitem o problema e acusam o Ministério da Saúde de não estar a cumprir com os contratos. Entre os pacientes, encontram-se várias crianças que, devido à falta de um serviço especializado, são obrigados a fazer os tratamentos com os adultos. Há a fazer hemodiálise 1.621 pessoas.

Teresa Fukiady

Sem medicamentos e com doentes que aumentam todos os dias, os centros de hemodiálise dos hospitais 'Américo Boavida', 'Josina Machel' e Prenda têm registado grandes dificuldades em cumprir com o seu funcionamento normal. No Centro de Hemodiálise Pluribus África, uma parceria público-privada entre o 'Américo Boavida' e a Pluribus África, o coordenador da equipa médica, Mário Rosa, admite a "carência gritante" de medicamentos e afirma que a situação tem afectado a evolução e a qualidade de vida dos doentes. "O centro está há três meses sem medicamentos", revela. "Outrora tínhamos um apoio financeiro permanente que possibilitava adquirir os medicamentos. Conseguíamos evitar que muitos destes pacientes sentissem as complicações e comodidades dessa patologia", explica. Com a crise, foram perdendo gradualmente a capacidade de suprir as necessidades dos pacientes. "Temos uma gritante falta da eritropoietina (medicamento utilizado principalmente para o tratamento de anemia aliada a doenças como a insuficiência renal) que é a base da estabilidade dos pacientes", admite.

A situação tem agravado a saúde dos doentes, levando muitas vezes a mortes. A cada trimestre, são registadas pelo menos cinco mortes. Mário Rosa assegura que o Ministério da Saúde (Minsa) está informado sobre a precariedade do centro vive. "Todos os meses mandamos relatórios a informar das necessida-

Uma campanha de emissão gratuita do Bilhete de Identidade a 1. 400 crianças dos seis aos 17 anos de idade está ser promovida, desde segunda-feira, no Huambo, pelo Serviço de Identificação Civil e Criminal. A iniciativa visa facilitar aos menores a obtenção fácil do documento.

10 por cento atingida

A insuficiência renal caracteriza-se pela incapacidade dos rins em filtrar resíduos, sais e líquidos do sangue. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a doença atinge cerca de 10 por cento da população. Em Angola, estima-se que haja mais de seis mil pessoas afectadas. Não há dados concretas porque não existe um programa direccionado à doença. No mundo, a incidência da doença em crianças e adolescentes é de 15 pacientes por um milhão de habitantes entre 0 e 19 anos, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS).

Proposta na gaveta

Submetida à Assembleia Nacional, a Lei sobre Transplantes de Tecidos e Órgãos Humanos está engavetada há quase 15 anos. É vista como uma das melhores opções para acalentar o sofrimento de quem padece com insuficiência renal. O país prepara-se para efectivar o transplante de tecidos, células e órgãos humanos. A proposta de lei está a ser analisada desde Março.

Mário Rosa considera que o se o país tiver vontade é possível realizar-se transplantes, mas que "não a curto prazo". Mas alerta que, antes de se partir para o transplante, é necessário preocupar-se em melhorar a qualidade dos serviços de hemodiálise. "A partir do momento que temos uma hemodiálise de qualidade vamos poder de forma correcta mandar pacientes para o programa de transplantes sem risco de rejeição", acredita.

des e continuamos a espera que o Ministério faça a sua parte e que seja mais do que aquilo que tem feito", afirma, acusando o Minsa de "falta de seriedade" no contrato de subvenção.

AMEAÇADO

Inaugurado em 2013 e com um investimento de cerca de 12 milhões de dólares, no ano passado, o centro esteve em risco de fechar, devido às elevadas dívidas a fornecedores e a funcionários e à falta de materiais gastáveis. O responsável admite que a situação não está ainda ultrapassada, mas que não se cogita a possibilidade do encerramento. "O centro continua a debater-se com inúmeros problemas financeiros". "A gestão é privada, mas subvencionada. É nesta parte que gostaríamos que houvesse mais seriedade da parte do Minsa que não tem cumprido a 100 por cento com o negócio, por isso é que temos essas carências". O centro tem quatro salas de hemodiálise e dispõe de 52 máquinas que recebem 100 doentes por dia, divididos em três sessões. Tem mais de 320 doentes, entre os 17 e 50 anos, mas a maioria são jovens.

CRIANÇAS, O MAIOR PROBLEMA

Outros centros que enfrentam as mesmas 'makas' são os dos hospitais do 'Josina Machel' e do Prenda. Os dois estão interligados e acolhem um total de 420 doentes, sendo 329 deles no 'Josina Machel'. No Prenda, estão instaladas 19 máquinas, ao passo que, no 'Josina Machel', 42. Rubem Buco, assessor clínico dos dois centros, reconhece que a deficiência de apoio na medicação aos doentes deve-se à elevada procura, que faz com que alguns doentes fiquem em lista de espera. "Temos pacientes com critério para a diálise, mas que permanecem no internamento por falta de vagas. São cerca de 27". O centro dispõe de apenas cinco nefrologistas.

Mário Rosa revela que o tratamento da hemodiálise é "caro" e que cada doente chega a gastar mais de quatro mil dólares. No passado, segundo o Minsa, eram gastos 400 dólares por cada sessão de um doente renal, sendo que, cada doente tem direito a três sessões por semana.

> "O centro está há três meses sem medicamentos. Outrora tínhamos um apoio financeiro permanente que possibilitava adquirir os medicamentos."

Mário Rosa, coordenador da equipa médica do centro de hemodiálise do Américo BoaVida

Segundo a Sociedade Angolana de Nefrologia, estão cadastrados nos serviços de hemodiálise 1.621 pessoas. 1.524 são de Luanda. Apenas quatro províncias dispõem de serviços de nefrologia: Luanda, com seis, Benguela, com dois, e Huambo e Malanje com um cada. E há apenas 40 nefrologistas. O Ministério da Saúde anunciou, para Junho, a abertura de um centro de hemodiálise do Hospital Central do Lubango, na Huíla. E até 2021, o serviço poderá estar disponível em Cabinda.

NEFROLOGIA INFANTIL

A doença caracterizada pela falência dos rins ataca também a crianças. No 'Josina Machel', por exemplo, estão hospitalizadas 11. A falta de um serviço especializado de nefrologia infantil tem obrigado as crianças a juntarem-se aos adultos. Segundo Rubem Buco, a nefrologia infantil tem sido a maior dificuldade. Por isso, defende ser urgente que o Minsa instale máquinas no 'David Bernardino', o único hospital pediátrico do país, sobretudo na secção de unidade de tratamentos intensivos (UTI). "A nefrologia infantil tem de se fazer sentir com a máxima urgência", apela o médico que cita a malária, a principal causa de morte em crianças no país, como um dos factores primários para a insuficiência renal aguda em crianças e que em muitos casos evolui para a cronicidade.

Rubem Buco defende ainda a necessidade de a pediatria ter máquinas de diálise, porque existem pacientes intransportáveis, com critério de intubação que muitas vezes saem assistidos nesta unidade para o 'Josina Machel' em estado crítico.

Nova Gazeta
Quinta-feira 30 de Maio 2019

(re)flexões leigas

Songo na estrutura da aldeia

Soberano Kanyanga
Escritor

A vertente "positiva" da divisão político-administrativa do Estado angolano, apresenta-nos o país subdividido em regiões, províncias, municípios, comunas/distritos urbanos, cidades, sectores/zonas, quarteirões, aldeias, etc.

Olhando para a organização do que foi/é o potentado de Kuteka, nas margens do Longa, abrangendo territórios adstritos à comuna de Munenga (Libolo) e comuna de Dala Cachibo, noto que o soberano exerce poder sobre as aldeias de Hombo, Mbango, Kabombo, Kipela(?) e Mbanze (a capital), podendo cada aldeia ter outras aldeolas, podendo ainda subdividir-se em sectores residenciais ou zonas, também designadas (no caso de Mbango) por 'songo' (comunidade afectiva).

Sendo 'songo' a menor unidade de organização territorial nas comunidades rurais tradicionais, pode equivaler, quando comparada com a comunidade urbana, a bloco ou quarteirão.

Na antiga aldeia de Mbangu-yo-'Teka, Kinhendu, Kitinu, Kabota e Zawlena Kilombo, todos parentes próximos eram do 'songo/quarteirão' de Ketele, enquanto outros aldeões como Kyuma Albano eram do Nguya.

O 'songo' é/era fundado na base de um parentesco mais intrínseco, credo, origem migratória, ocupação socioprofissional, entre outros quesitos, não estando dissociado de um todo que é a aldeia, unidade administrativa do potentado (reino).

Nessa reflexão, trago à colação um extracto do cancioneiro popular que cita:

"Bu songo yeto twoso twatata, kabwete otuxitila, so tulizek'ayo" (no nosso sector/comunidade todos somos homens, não há quem moa fuba, por isso passaremos noite com fome).

Um exemplo da ex(pers)istência de "songo" é encontrado na aldeia de Pedra Escrita, no Libolo, que cresce por via da migração de povos de aldeias afastadas da via asfaltada para essa, com destaque para os povos de Kuteka que, regra geral, erguem as suas habitações ao lado dos primeiros emigrantes da mesma procedência. Assim, quem se dirige à Pedra Escrita e procure por alguém que tenha nome redundante é questionado sobre a origem do procurado.

Explicando, por exemplo, que "procura pelo domingos do Mbangu" torna-se fácil ao "cicerone" percorrer mental e visualmente o "mapa da aldeia e suas subunidades " e passar uma informação assertiva.

Voltando ao "Estado" tradicional de Kuteka, verifica-se que o soberano (Kañane ou Phela) exerce poder sobre a população das aldeias acima citadas, e estas possuem jurisdição sobre as terras, rios, coutadas para caça, etc. Os limotes do potentado são físicos (acidentes naturais) mas conhecidos por toda a comunidade, sendo sua invasão por estranhos passível de multas.

O povo desse potentado internaliza aspectos comuns como língua, credos e um sistema de jurídico-administrativo próprio. Importa aos historiadores contemporâneos resgatarem esses relatos histórico-sociais e político-administrativos das nossas comunidades para que se possa compreender a génesis da estrutura e organização das comunidades rurais tradicionalistas do nosso país.

Foto: D.R.

Para o combate a seca no sul

ONU disponibiliza mais de seis milhões de dólares

O Fundo Central de Resposta a Situação de Emergência (CERF) das Nações Unidas disponibilizou, esta semana, mais de seis milhões de dólares para ajudar no programa do Governo de combate à seca. O dinheiro vai ser aplicad em projectos no Cunene, Huíla, Bié e Namibe e pretende beneficiar cerca de 565 mil pessoas.

Teresa Fukiady

As Nações Unidas anunciaram, na passada terça-feira, que através do Fundo Central de Resposta a Situações de Emergência (CERF, sigla em inglês), vão disponibilizar mais de 6,4 milhões de dólares para apoiar as comunidades que sofrem com a seca no sul de Angola. Os fundos serão aplicados em projectos no Cunene, Huíla, Bié e Namibe e vão beneficiar cerca de 565 mil pessoas.

O Coordenador Residente das Nações Unidas em Angola, Paolo Balladelli, está desde ontem, quarta-feira, em missão oficial para o sul do país, onde reunirá com as autoridades provinciais e parceiros do Cunene e da Huíla.

A Organização da Nações Unidas (ONU) estima que, para fazer frente à situação de emergência que atinge o país, são necessários cerca de 92 milhões de dólares e que o dinheiro disponibilizado representa apenas 6,9 por cento do total das necessidades.A verba do CERF vai beneficiar cerca de 25 por cento do total de 2,3 milhões de pessoas afectadas pela seca e a insegurança alimentar no sul de Angola e que, deste número, cerca de 490 mil são crianças menores de cinco anos. O Fundo vai apoiar também a saúde e a protecção de cerca de 37 mil grávidas.

Segundo uma nota enviada ao NG, a resposta humanitária da ONU foca-se na malnutrição, água e saneamento, agricultura e segurança alimentar, saúde e protecção e será implementada nos próximos seis meses conjuntamente pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) e a Organização Mundial da Saúde (OMS). Do dinheiro disponibilizado, 44 por cento vai ser direccionado à nutrição, 27,8 por cento à água e saneamento e o restante dividido entre projectos de saúde, segurança alimentar e agricultura e protecção.

Dados do Governo Provincial do Cunene indicam que, entre Janeiro a Março deste ano, o número de pessoas que precisa de ajuda humanitária nessa província aumentou de cerca de 250 mil para cerca de 860 mil, o que representa 80 por cento do total da população.

Em Abril, João Lourenço aprovou um pacote financeiro de 200 milhões de dólares para solucionar problemas estruturantes ligados aos efeitos destrutivos da seca no Cunene. No início de Maio, o ministro do Interior, Ângelo da Veiga Tavares, reafirmou que o Governo tinha disponível mais de 600 milhões de dólares para combater a seca no sul.

O CERF foi criado em 2005 pelas Nações Unidas com o objectivo de responder, de forma imediata e ágil, a situações de crises humanas em todo o mundo. É gerido pelo escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários (OCHA), que é o principal órgão da ONU para fazer frente a este tipo de crises.

BILHETE FAMÍLIA

É OUTRO FILME!

IR AO **CINEMA EM FAMÍLIA** SAI MAIS BARATO!

FILMES 2D A PARTIR DE **700 AKZ** POR PESSOA

FILMES 3D A PARTIR DE **1.300 AKZ** POR PESSOA

PARA **FAMÍLIAS** DE **3** A **7 ELEMENTOS**

BILHETE VÁLIDO A PARTIR DE 2 ADULTOS E 1 CRIANÇA (ATÉ AOS 12 ANOS DE IDADE) ATÉ O MÁXIMO DE MAIS 4 CRIANÇAS.
NÃO INCLUI SESSÕES IMAX, EVENTOS ESPECIAIS, TAXAS VIP E ÓCULOS 3D. NÃO ACUMULÁVEL COM AS QUARTAS LOUCAS E OUTRAS PROMOÇÕES EM VIGOR. O ZAP CINEMAS RESERVA-SE O DIREITO DE ALTERAR AS CONDIÇÕES SEM AVISO PRÉVIO.

7 SALAS · SALA IMAX · 3D

zap CINEMAS

TRANSCOOP
Transportes Rodoviários

AGILIDADE, CONFORTO, SEGURANÇA E EXCLUSIVIDADE

SERVIÇO PERSONALIZADO COM CONFORTO E SEGURANÇA

O TAXÍMETRO SÓ SERÁ LIGADO NO LOCAL DA CHAMADA

Rua 21 de Janeiro, Bairro Rocha Pinto, Luanda
Call center
(+244) 947 992 829
(+244) 993 091 599
Trabalhamos com multicaixa

Gazeta Solidário

Com tumor e à procura da mãe

Francisco Jamba, mais conhecido por Tony, de 16 anos, encontra-se perdido em Luanda, provindo do Huambo, e está à procura da mãe, de nome Teresa Jamba. Segundo informações, a progenitora vive em Viana, mas Francisco desconhece a residência. O adolescente tem um tumor no rosto e, de momento, foi acolhido pela jovem Epifânia Paulo, moradora do São Paulo, perto do 'Prédio do Livro', em Luanda. Francisco quer encontrar a mãe.

Contacto
938 96 79 44 – Epifânia Paulo (jovem que acolheu o menino)

CIDADANIA

Respeitar os direitos da criança

"A protecção dos direitos da criança, nomeadamente, a sua educação integral e harmoniosa, a protecção da sua saúde, condições de vida e ensino constituem absoluta prioridade da família, do Estado e da sociedade", lê-se no sexto ponto do Artigo 35.º da Constituição, que acrescenta o seguinte no Artigo 80.º: "A criança tem direito à atenção especial da família, da sociedade e do Estado, os quais, em estreita colaboração, devem assegurar a sua ampla protecção contra todas as formas de abandono, discriminação, opressão, exploração e exercício abusivo de autoridade, na família e nas demais instituições."

O Governo, em parceria com a Organização das Nações Unidas (ONU), assumiu, há já alguns anos, a criação da Lei de Base da Protecção e Desenvolvimento Integral da Criança. Através deste documento, foram elaborados os 11 Compromissos sobre a Criança. O direito à educação, segurança alimentar, nutricional e ao registo de nascimento são alguns dos aspectos previstos naquele documento.

Mas há mais direitos. Por exemplo, só a questão da educação é tratada duas vezes, no quarto e quinto compromissos, sendo dividida em educação da primeira infância e educação primária. Por conseguinte, com o Junho a chegar, é dever de cidadania conhecer e respeitar estas normas, tendo sempre em conta que o dia das crianças são todos os dias.

Actual direcção acusa a anterior pelo abandono da instituição

Faltam ambulâncias e meios à Cruz Vermelha

A Cruz Vermelha em Angola atravessa sérias dificuldades. Tem equipamentos obsoletos por falta de cuidados. Precisa de 20 ambulâncias, mas só tem duas. O presidente da instituição queixa-se de falta de apoios e de o estado da organização que se danificou nos últimos 12 anos.

Alfredo Elavoco Pinto, director do centro

Foto: Manuel Tomás

André Kivuandinga

A Cruz Vermelha de Angola (CVA) precisa de 20 ambulâncias para poder funcionar em pleno. Para já, só tem apenas duas viaturas para atender as 18 províncias. Uma delas encontra-se ao serviço da direcção central e a outra pertence à delegação provincial de Luanda. O resto das viaturas estão num estado "obsoleto", por falta de manutenção. A actual direcção, liderada pelo jurista Alfredo Elavoco Pinto, faz um balanço "critico" da organização, comparando-a com um doente nos cuidados intensivos a precisar de reanimação urgente para o "ressuscitar". Ter apenas duas viaturas para atender as 18 províncias torna o trabalho "complicado", enfatiza o líder da organização. Também faltam meios para socorrer as vítimas de sinistralidade, natural e rodoviária, o que torna o funcionamento da instituição "mais dificultado".

De acordo com Alfredo Elavoco Pinto, a instituição sofreu um "abalo" durante 12 anos, que provocou um "choque". Ou seja, a instituição estava "prestes a desaparecer, deixou de ser dinâmica, travou no processo de engajamento e actuação com as comunidades", pelo que agora "estamos a redinamizá-la".

A Cruz Vermelha de Angola é uma organização que auxilia o Estado na satisfação das necessidades básicas de modo urgente.

A Cruz Vermelha de Angola é uma organização que auxilia o Estado na "satisfação das necessidades básicas de modo urgente", nos projectos sociais, sobretudo ligados à Saúde, no socorro as vítimas de calamidades, desastres naturais, entre outras áreas de actuação. O responsável considera que o património "obsoleto" não tem salvação e a CVA "não tem condições" para o repor. Por outro, as instituições que apoiavam deixaram de o fazer por "não acreditarem" na organização.

Com base no protocolo, entre a CVA e o Ministério da Saúde, a organização endereçou, este ano, uma carta ao Governo a pedir ajuda na aquisição de viaturas para apoiar o serviço da instituição, Segundo Alfredo Elavoco Pinto, até agora o Ministério da Saúde ainda "não deu resposta".

O líder a CVA atira as responsabilidades do estado da CVA para a anterior direcção, mas subinha "não querer entrar em polémicas" e preferir, em contrapartida, abordar apenas do futuro da organização. Foi elaborado um plano estratégico, do qual se definiram os projectos e as acções que serão promovidas até 2030. "A nossa instituição exerce actividades de emergência e urgência e antes do Estado chegar, devemos estar lá", refira. A organização auxilia o Governo, nos projectos em que este não pode intervir.

Quando a vontade de ser solidário deixa de existir a organização "desaparece". "Foi o que aconteceu nos últimos 12 anos", lembra o responsável. Elavoco Pinto realça que, mesmo a atravessar as dificuldades, todos estão determinados a trabalhar para manter a CVA viva. "Não há condições para repor os meios que foram se deteriorando, mas estamos a trabalhar para resolver essa situação", promete.

Socorristas pagos

Os socorristas voluntários da CVA, que prestam auxílio e socorro nos campos e quadras desportivas, para tratar dos jogadores que tenham contraído lesões, recebem um subsídio pelo trabalho que exercem, pago pelas equipas que jogam em casa. Este é um princípio internacional que determina que, sem a presença destes voluntários, o jogo não deve começar.
Os valores são entregues aos secretariados provinciais. Angola tem mais de 10 mil voluntários que não trabalham só nos recintos desportivos, também na sensibilização das comunidades no combate de diversas doenças. Os clubes têm cumprido com os pagamentos.

Política

Semana mais agitada dos últimos tempos

Funeral de Savimbi incendeia política

Foto: D.R.

O enterro de Jonas Savimbi, previsto para esta semana, provocou a maior polémica entre Governo e Unita dos últimos anos. A Unita regressou às manifestações, até com gente fardada. Foi uma semana de troca de acusações que culminou num encontro entre João Lourenço e Isaías Samakuva.

André Kivuandinga

João Lourenço sentiu-se obrigado a receber, na quinta-feira, o presidente da Unita, depois de Isaías Samakuva ter escrito uma carta ao Presidente da República, na tentativa de pôr fim à polémica com o corpo de Jonas Savimbi. O teor da conversa, até ao fecho da edição, não tinha sido divulgado.

As exéquias de Jonas Savimbi, morto em combate, no Moxico, em 2002, dividiram o Governo, a Unita e familiares do fundador do partido, provocando uma semana de troca de argumentos. Os ânimos exaltaram-se quando o Governo, segundo a Unita, decidiu "violar ou alterar" a data e o local de entrega dos restos mortais.

Na data combinada, o corpo, que seria entregue ao partido, no Luena, foi levado pelo Governo para uma unidade militar, no Andulo, na antiga pista que usada pela Unita durante a guerra. No local, familiares, militantes, simpatizantes e jornalistas esperaram a chegada do avião, com a urna que transportava as ossadas de Savimbi. O cenário, montado pela Unita, era de uma multidão humana, trajada de roupas com as cores do partido do 'galo negro' e de fardas, que entoava diversos hinos em Umbundo.

O presidente da Unita, Isaías Samakuva, apressava-se acusar o Governo de "decidir tudo sozinho" e de querer redefinir o programa que levará ao enterro, agendado para sábado, "à revelia da família e do partido". "Não está a ser respeitado o que ficou acordado", explicou. O líder partidário explicava que ficou acordado que o corpo de Jonas Savimbi iria para o Cuito na presença de todas partes que estivessem presentes na exumação.

Por outro lado, o ministro de Estado e chefe da Casa de Segurança do Presidente da República, Pedro Sebastião, contra-atacava afirmando que o Govero "não tem interesse em manter sob sua custódia os restos mortais de Jonas Savimbi". O responsável replicou, acusando a Unita de impedir "os seus representantes" nas exéquias de estarem presentes no Andulo".

Alcides Sakala, no Bié, garantia que o partido mantém o programa das exéquias, previstas

O antigo embaixador de Angola na Etiópia e representante junto da União Africana, Arcanjo do Nascimento, foi detido preventivamente por suspeita de cometer os crimes de peculato, corrupção passiva e branqueamento de capitais, informa a Procuradoria Geral da República.

Morto em combate

Jonas Malheiro Savimbi nasceu no Munhango, Moxico a 3 de Agosto de 1934, tendo falecido em combate, no Lucusse, Moxico a 22 de Fevereiro de 2002. Fundou e foi líder da Unita durante mais de 30 anos. Os pais de Savimbi são originários de Chilesso, no Bié, pertencentes ao grupo étnico ovimbundo. O pai era funcionário dos Caminhos-de-Ferro de Benguela e também pastor da Igreja Evangélica Congregacional em Angola (Ieca). Durante a guerra, teve os apoios dos governos dos EUA, China, do regime do 'apartheid' da África do Sul, Israel, de vários líderes africanos, com maior destaque para Félix Houphouet-Boigny, Mobutu Sese Seko, do rei Hassan II de Marrocos e Kenneth Kaunda da Zâmbia e mercenários de Portugal, Israel, África do Sul e França, Savimbi passou grande parte de sua vida a lutar primeiro contra a ocupação colonial portuguesa, depois da independência de Angola, contra o governo do MPLA que era apoiado, em termos militares, pela então União Soviética, Cuba e vários países socialistas.

Jonas Savimbi perdeu as eleições, em 1992, mas não reconheceu o resultado, optando por voltar à guerra, pondo fim a um período de paz de ano e meio.

Alcides Sakalao,
porta-voz
da Unita

> **Esta é a posição do senhor general. Estamos imbuídos do nosso programa e vamos continuar a cumpri-lo conforme foi anunciado.**

Pedro Sebastião,
chefe da Casa
de Segurança
do Presidente da
República

> **O Govero não tem interesse em manter sob sua custódia os restos mortais de Jonas Savimbi.**

para sábado, com "ligeiras alterações, em relação à passagem da urna de Jonas Savimbi pela sua residência no Huambo, como inicialmente estava previsto, devendo-se apenas ficar em vigília durante uma noite".

O porta-voz da Unita negava qualquer pretensão do partido em aproveitar o acto. "Esta é a posição do senhor general. Estamos imbuídos do nosso programa e vamos continuar a cumpri-lo conforme foi anunciado. Não estamos a fazer, estamos apenas a honrar a memória do Dr. Savimbi".

O deputado da Unita, Maurílio Luiele, relatava que, entre Agosto a Setembro de 2018, participou das reuniões da Comissão das Exéquias e que "o Governo teve sempre o comportamento de tentar mostrar que a família e o partido não se entendiam" e era "rechaçado pela família que fazia questão de confirmar que o partido e a família fossem tratados como um único bloco". O deputado desconfia que as movimentações populares registadas nas cerimónias fúnebres motivaram os actos "irreflectidos" de Pedro Sebastião.

FAMILIARES DESMENTEM

Os familiares de Jonas Savimbi, também em conferência de imprensa, desmentiam Pedro Sebastião de que havia possíveis divergências. Em nome da família, Tchaya Savimbi realçava que a família ouviu com "estranheza", as declarações do ministro sobre um possível "desentendimento" entre a família e a Unita. "Para nós, não há divergências entre a família do Dr. Savimbi e o partido, lamentamos isso e não corresponde a verdade. O momento é de recolhimento e de serenidade", lamentava o filho.

Em 2007, o enterro de Holden Roberto foi impedido de se realizar no cemitério dos Reis do Kongo, em Mbanza-Kongo, Zaire, pelo então governador do Zaire, o actual ministro do Estado, Pedro Sebastião.

Nome ainda no 'segredo dos deuses'

Chivukuvuku promete novo partido em Agosto

Abel Chivukuvuku promete divulgar o nome do seu partido na primeira quinzena de Agosto. O projecto ainda não tem programa, nem ideologia, mas o antigo líder da Casa-CE garante que já tem militantes "dispostos a percorrer o país".

O antigo presidente da CASA-CE, Abel Chivukuvuku, promete anunciar o seu novo projecto político para a primeira quinzena de Agosto. Garante não será o partido 'Podemos', mas também não quis avançar quais são os outros políticos que poderão integrar este novo projecto. Em conferência de imprensa, o ex-líder da CASA e antigo dirigente da Unita garante não ter intenções de vir a fazer alianças partidárias e que ninguém o "impedirá" de governar Angola, em 2022.

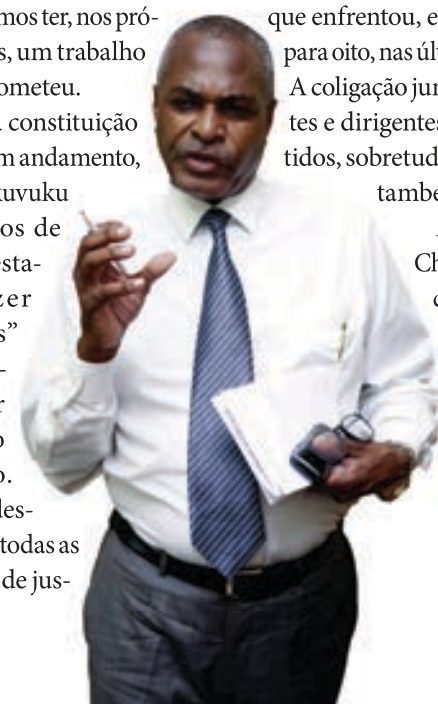
Mesmo em divulgar o nome do partido, nem programa ou objectivos, Abel Chivukuvuku pediu aos futuros militantes da organização partidária que estejam preparados para andar por Angola. "Vamos ter, nos próximos meses, um trabalho intenso", prometeu.

Já com a constituição do partido em andamento, Abel Chivukuvuku acusa órgãos de jurtiça de estarem a fazer "manobras" para tentarem impedir a legalização do partido. "Ao longo destes anos, em todas as instituições de justiça de Angola, vi uma espécie de perseguição para travar o surgimento de uma força política por mim liderada, mas isto não me vai fazer desistir", garantiu.

Ainda este ano Abel Chivukuvuku tinha prometido divulgar o nome do novo partido, para 15 de Abril. Adiou para Agosto e, pelo meio, esteve internado numa clínica em Luanda e posteriormente na África do Sul, por ter sofrido um ataque de malária.

Abel Chivukuvuku foi afastado da liderança da Casa-CE por cinco dos seis partidos que integraram a coligação, desde a fundação do projecto. Foi substituído pelo vice-presidente André Mendes de Carvalho 'Miau'.

Como líder da coligação, Abel Chivukuvuku levou a Casa-CE a resultados lhe permitiram ter seis deputados nas primeiras eleições que enfrentou, em 2012, e subiu para oito, nas últimas legislaivas. A coligação juntou ex-militantes e dirigentes de outros partidos, sobretudo da Unita, mas também do MPLA.



Abel Epalanga Chivukuvuku nasceu no Bailundo, Huambo, tem 61 anos de idade e foi formado na UNITA.

Por André Kivuandinga

Nova Gazeta
Quinta-feira 30 de Maio 2019

Economia

Unidades sob gestão do grupo privado Zahara

Nosso Super nas mãos do Estado 12 anos depois

A cadeia de supermercados só vai ser inscrita no património estatal este ano. 12 anos depois de ter sido criada. A medida abrange todas as lojas dos programas Percom e Presild. Governo prevê abrir concurso público para a privatização de infra-estruturas inviáveis por má gestão e aquelas em que os administradores já não pretendam continuar a gerir.

Isabel Dinis

O Ministério do Comércio começou a proceder à entrega, para inscrição no património de Estado, das infra-estruturas comerciais sem registo. As primeiras foram as lojas da rede Nosso Super e o centro comercial Nosso Centro.

Estas infra-estruturas comerciais encontram-se sob gestão privada. A rede de lojas Nosso Super está sob gestão do Grupo Zahara, que é detentora dos supermercados de marca Kero, e o centro comercial Nosso Centro é gerida pela empresa Gestor Investimentos.

As entregas destas unidades comerciais ao Património do Estado marcam o início de uma fase em que o Governo está a registar todas as dependências comerciais. "Começamos com as unidades de maior dimensão. O importante é que se saiba que é património do Estado para que amanhã ninguém diga ao contrário", sublinha, ao Valor, uma fonte do Ministério do Comércio

Os empreendimentos fazem parte do Programa de Reestruturação do Sistema de Logística e de Distribuição de Produtos Essenciais à População (Presild) e do Programa de Expansão da Rede Comercial (Percom), que integram o Nossos Super, Lojas Palmas, Nossa Quitanda, Paparocas, entre outras.

O processo começou em Setembro do ano passado, com a criação de uma comissão de avaliação para fazer o levantamento de todas as infra-estruturas do Estado pertencentes ao comércio para resolver a "confusão dos casos mais conflituosos". Há casos de edíficos construídos em propriedades privadas, em que os gestores dessas estruturas "nunca pagaram rendas" e casos de espaços comerciais, instalados em propriedade estatal, que as entidades gestoras também nunca remeteram pagamentos ao Estado.

A comissão de avaliação apurou que a maior parte das infra-estruturas não estava registada no património do Estado. O obrigou o Governo a criar uma outra comissão, em que integrava membros dos ministérios das Finanças e do Comércio para registar os espaços comerciais.

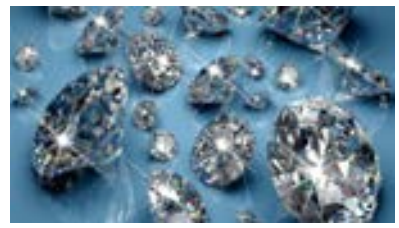
Todas as infra-estruturas dos dois programas vão ser registadas. Sucedendo depois das visitas de constatações que o Ministério está a realizar, a abertura de um concurso público para a privatização daquelas lojas cujos administradores já não querem continuar com a gestão.

Para finalizar o trabalho, faltam o levantamento e a verificação das condições das unidades em três províncias. Não tendo uma data para o fim destas visitas, devido à agenda internacional do ministro Joffre Van-Dúnem Júnior, em Junho.

Em Março, durante uma das visitas, o ministro anunciou a renegociação do contrato de gestão das lojas Nosso Super, assinado no final de 2015 entre o Grupo Nova Rede de Supermercados de Angola e o Grupo Zahara.

Segundo o responsável, o Ministério estava a discutir e a avaliar com a entidade gestora os moldes do contrato de exploração, que entrou em vigor em Janeiro de 2016, e que previa um tempo de isenção de pagamentos ao Estado até Janeiro último.

Luanda acolhe, a 26 de Junho, o 1.º Fórum Empresarial de Liderança Mineira, no hotel Diamante. Com o tema 'O desafio de liderar empresas mineiras no presente e futuro do sector mineiro em Angola', o evento é realizado pela Bumbar Mining.



Alternativa passa por quiosques

ANVA propõe o fim da venda ambulante de saldos

A Associação Nacional dos Vendedores Ambulantes (ANVA) elaborou um memorando que deverá ser entregue à Unitel e Movicel, ainda esta semana, em que sugere a venda de recargas telefónicas apenas a quem opera em estabelecimentos autorizados.

A medida surge não só em resposta às reclamações dos comerciantes detentores de quiosques, mas também para fazer vincar o disposto na nova lei aprovada há quatro meses. "Actualmente, os comerciantes trabalham como se fossem empregados dos funcionários da Unitel e Movicel, que lhes dão os cartões, passando a prestar contas ao fim de cada semana", defende José Cassoma, presidente da ANVA, que propõe, não só o fim da comercialização ambulante de saldos, mas também o termo da venda do produto por parte dos trabalhadores das companhias.

A intenção da associação conta com o apoio de revendedores em quiosques, que pagam uma taxa mensal de 500 kwanzas, por um espaço com menos de dois metros, às administrações locais, mas encontra oposição da parte de vendedores ambulantes, que se queixam de uma alegada complexidade para conseguirem a formalização.

A caixa de saldos da Unitel, com 50 cartões de 50 UTT, geralmente revendidos a 500 kwanzas cada um, é adquirida a 23.500 kwanzas, gerando lucros de 1.500. A da Movicel, composta por 10 cartões de 90 UTT, é comprada a 8.200 kwanzas e revendido, cada cartão, a 900 kwanzas, tendo lucros de 800. Entre as recargas, segundo os comerciantes, os cartões de 50 UTT, da Unitel, são os mais procurados, sendo que podem ser vendidos uma a duas caixas por semana.

Antunes Zongo

Na Lunda-Sul

Agricultores sugerem feiras por trimestre

Pequenos agricultores de Saurimo, na Lunda-Sul, propõem a realização trimestral de feira de produtos, para estimular as vendas, dado que "muitas mercadorias" se degradam no local, por falta de escoamento. Os camponeses fizeram o apelo durante a exposição realizada no âmbito dos festejos do 63º aniversário da cidade, no dia 28 de Maio.

Os operadores, no entanto, queixam-se também da falta de equipamentos necessários, com destaque para tractores, enxadas e catanas. À imprensa, Mário Cazua, sócio gerente da fazenda agrícola com o mesmo nome, sublinhou que a feira visava, além da promoção da comercialização dos produtos, incentivar a troca de experiências.

Por sua vez, o administrador do Saurimo prometeu que a instituição vai apoiar, já nos próximos dias, os camponeses com "sementes, material de trabalho e formação", para melhorarem e aumentarem a produção.

ENERGIA E ÁGUA PERDEM 130 MIL MILHÕES DE KWANZAS

OGE revisto corta nove projectos em Luanda

Com a revisão do OGE 2019 em marcha, Ministério da Energia e Águas deixa de contar com 130 mil milhões de kwanzas. Luanda sofre com a perda de nove projectos. Cortes abrangem todas as unidades orçamentais, incluindo a segurança do PR. OGE revisto corta 8,4% das despesas e receitas.

NEGÓCIO DOS NAVIOS-SONDA PODE SER INVIÁVEL

Investimento de 800 milhões USD da Sonangol em risco

Em 2012, Francisco de Lemos encomendou dois navios-sonda por 1,3 mil milhões de dólares, face à decisão da Sonangol de apostar na perfuração de águas profundas. Com a chegada de Isabel dos Santos, a petrolífera renegociou os contratos para 800 milhões USD, obrigando a fabricante a assumir 20% do investimento e a refazer os prazos. Mal chegou, Carlos Saturnino retomou o negócio. Hoje, dois reputados especialistas afirmam que a viabilidade do investimento está em risco.

Valor Económico Notícias do Valor Económico todas as segundas

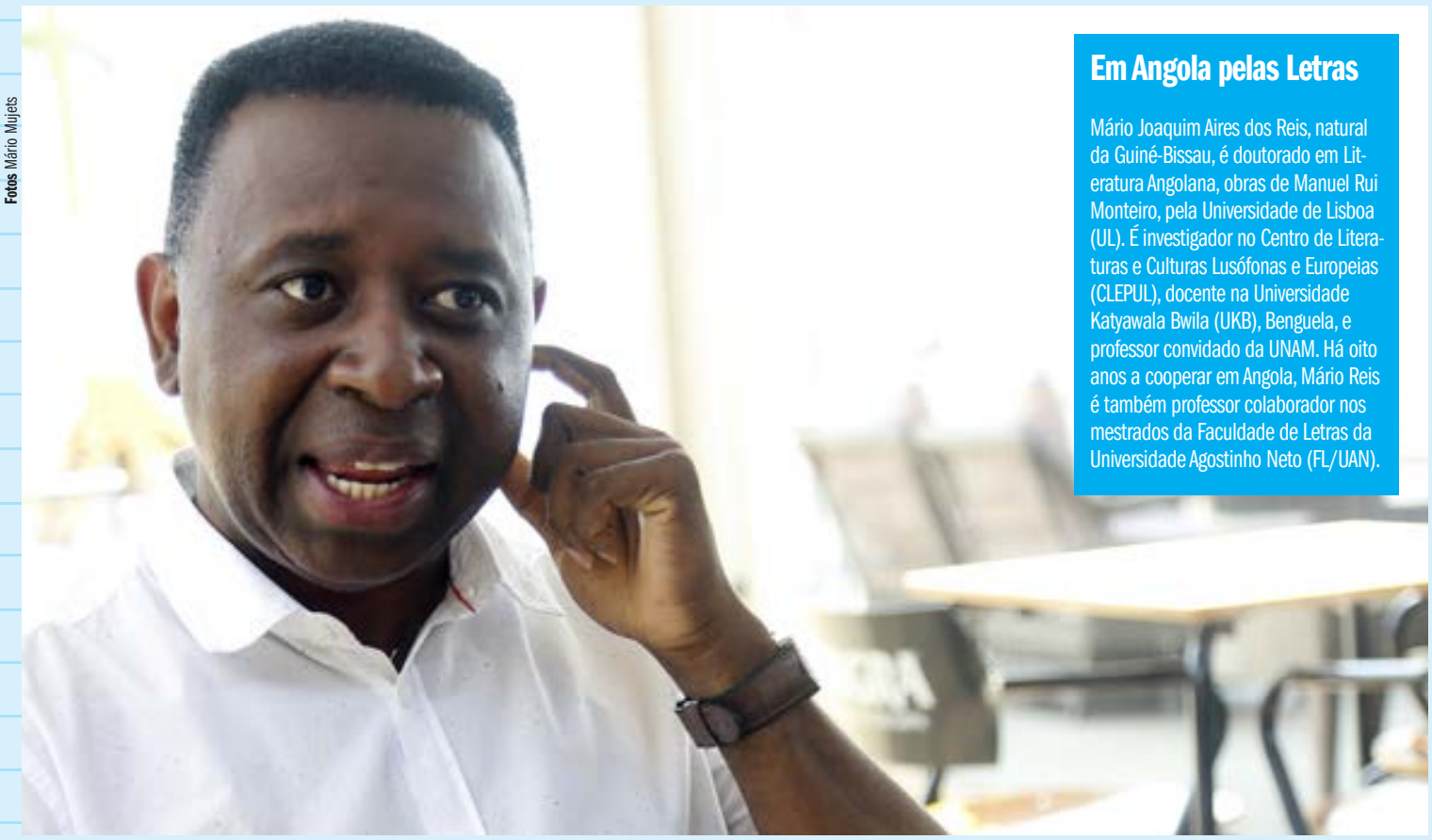
Caderno

Mário Joaquim Aires dos Reis, docente, crítico e especialista em literatura angolana

"O actual desenho curricular não serve os interesses de Angola"

Entusiasmado pela literatura angolana, Mário Joaquim Aires dos Reis especializou-se em literatura de Manuel Rui Monteiro. Natural da Guiné-Bissau, o crítico literário considera que a literatura angolana é das "mais ricas" dos Palop, mas critica a estagnação em que se encontra, por falta de formação e de incentivos, e teme que venha perder a pujança inicial. Docente da Universidade de Lisboa e convidado da Katyavala Bwila, defende que Angola deve criar políticas para melhorar o ensino.

Fotos Mário Mujets



Em Angola pelas Letras

Mário Joaquim Aires dos Reis, natural da Guiné-Bissau, é doutorado em Literatura Angolana, obras de Manuel Rui Monteiro, pela Universidade de Lisboa (UL). É investigador no Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL), docente na Universidade Katyawala Bwila (UKB), Benguela, e professor convidado da UNAM. Há oito anos a cooperar em Angola, Mário Reis é também professor colaborador nos mestrados da Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto (FL/UAN).

Edno Pimentel

O que o motivou, enquanto guineense, a escolher as obras de Manuel Rui Monteiro para o seu doutoramento?

Por dois motivos. Primeiro, para permitir que haja uma comunicação entre as nossas culturas. Os Países Africanos de Língua [Oficial] Portuguesa (Palop) têm uma história comum. Depois das independências, passou a existir afinidades culturais. Muitos angolanos que vivem na Guiné-Bissau não se sentem estrangeiros. E eu aqui também tenho de dizer quem sou para me tirarem o cunho de angolano. Segundo, pela minha ambição em conhecer outras literaturas. O que é habitual é as pessoas, estando na defensiva, trabalharem o país de origem. A Guiné-Bissau já me pertence, a minha língua materna é o crioulo da Guiné e seria preguiçoso e redundante estudar coisas que eu já conheça. E em todas as literaturas africanas de Língua Portuguesa, a angolana é a mais rica. As outras, como a da Guiné, são ainda incipientes.

Isso não o preocupa?

Preocupa-me que a geração de escritores conotados com a denúncia do jugo colonial esteja a desaparecer e não há uma outra que substitua. Em Angola, temos o caso emblemático do Ondjaki, que, nos novos escritores, é o único que se destaca. Depois temos o Agualusa, que é mais um escritor global do que angolano, e pouco mais. O horizonte é preocupante porque o número de escritores devia multiplicar-se, mas está a acontecer exactamente o contrário.

Porque estará a diminuir?

Deixou de ser atractivo criar um plano literário. Existe uma tradição das literaturas feitas em Angola, sobretudo no período da luta armada para a independência, mas este assunto de natureza circunstancial já caducou. Os tempos são outros. E a literatura angolana que se cinge nesse período histórico e cultural deixou de ter validade e os jovens que agora se afirmam na arte inclinam-se mais na música e das artes plásticas e evitam a literatura. Também tem a ver com o nível de literacia, a formação da nova geração. Para se ser um bom escritor, é necessário ter-se o domínio da Língua Portuguesa. E sabemos que a qualidade do ensino em Angola tem estado a minguar.

Porque é que diz isso?

Hoje em dia, os alunos terminam o ensino superior e não há garantias de que sabem escrever português. Muitos não sabem ler ou compreender um texto de dificuldade média. São questões preocupantes e têm reflexo a nível da nova geração de escritores. Quase não lê. E quando o faz, são obras que não levam a lado algum.

Mas há muitos jovens escritores…

Sim. Há figuras que publicam um livro de poemas acham que já são poetas. Mas isso é de menos. O que interessa é que não tem estado a emergir, na cultura angolana contemporânea, novos talentos.

Vê algum risco?

Sim. Corre o risco de perder a pujança inicial de afirmação. Aliás, isso pode ter a ver com os interesses do nosso mundo. Somos escravos do que é material. Angola, depois do fim da guerra, enveredou muito pelo caminho do que é material. E os jovens estão atrás disso, esquecendo-se da parte espi-

> Hoje em dia, os alunos terminam o ensino superior e não há garantias de que sabem escrever português. Muitos não sabem ler ou compreender um texto de dificuldade média.

ritual. A cultura contemporânea tem muito a ver com festas, com estar em grupos. Um intelectual precisa de silêncio e de reflectir, o que é raramente compatível com festas.

O que deve ser feito?
Angola deve definir políticas e facilitar o acesso aos livros. O preço dos livros aqui é exorbitante e isso, a longo prazo, vai ter custos altos, até de integração social. Na geração da era colonial, havia algo que os integrava culturalmente. Eram pessoas com nível cultural muito alto. Agostinho Neto, Amílcar Cabral, Francisco José Terreiro eram pessoas que liam. E isso permitia que, em Lisboa, falassem a mesma língua ao mesmo nível e que competissem com os portugueses autóctones.

> E em todas as literaturas africanas de Língua Portuguesa, a angolana é a mais rica. As outras, como a da Guiné, são ainda incipientes.

Esse interesse não se deve às circunstâncias?
Os momentos são feitos por nós. O nosso momento, agora, do ponto de vista intelectual, é muito pobre. É muito difícil comprar um jornal angolano e ler-se uma recensão crítica sobre uma obra. Parece que a academia não tem leitores especialistas na literatura. Mas, se ler a revista 'Mensagem', encontra reflexões de Agostinho Neto, que era estudante de Medicina, reflexões de Francisco José Terreiro, que era estudante de Veterinária. Tudo isso se perdeu.

> Deve haver uma política de importação de quadros, porque há muitos angolanos altamente qualificados na diáspora. Isso cria competitividade.

Como se pode recuperar?
O Governo deve criar políticas culturais e outras que promovam a integração social no plano intelectual. Quando encontramos livros com esses preços, é um factor inibidor. Em Benguela, há uma universidade e vários institutos privados, mas é muito difícil encontrar uma livraria digna desse nome. Não é possível haver ensino superior sem livrarias nem bibliotecas. As próprias universidades têm bibliotecas que deixam qualquer pessoa boquiaberta. Mais o equívoco de que quando uma pessoa não serve deve ir para a biblioteca. Isso é um erro crasso. Ser bibliotecário é uma profissão de alta especialidade. Tudo isso requer uma atenção por parte dos ministérios da Cultura, do Ensino Superior e da Educação.

APOSTA NA INVESTIGAÇÃO

Há um programa lançado recentemente…
O problema é que muitos desses programas se ficam pelos gabinetes. Existe bondade, mas tem de ser uma política séria e tem de se aliar o decreto com a prática. Isso significa investir.

A expansão do ensino não se traduz em investimento?
Em Angola, sempre que se fala em investir em coisas não palpáveis é complicado. Nunca se pensa que se deve associar a investigação universitária a um investimento. Investir é mais material, troca de bens materiais. O Governo tem de dotar as universidades de verdadeiros gabinetes de investigação com verbas. Portugal, por exemplo, tem a Fundação para a Ciência e a Tecnologia, cuja função é investir na investigação, criar talentos ao mais alto nível e atrair quadros de fora.

Não vê isso em Angola?
Angola tem de dar aquele salto necessário de, tendo quadros qualificados em certas áreas, criar mecanismos de atracção, mesmo que venham de fora. Agora, devido ao contexto, pode ser difícil. Mas, no tempo das 'vacas gordas', a política, em vez de atrair, fechava as portas. Angola tem de perder esse preconceito defensivo. Porque há muita gente que está bem colocada, cujas habilidades deixam muito a desejar. A única forma de se resolver esse problema é deixar de convidar pessoas para cargos técnicos baseando-se em lealdade partidária. Se Angola continuar a fechar-se, apesar das potencialidades, vai ficar para trás.

O quadro económico não pode justiçar o abrandamento?
Ainda assim é possível. O que é preciso é haver uma abertura política. Há muitas resistências e pessoas que querem que isso não mude, mas os novos tempos auguram mudanças.

E como vê o fim das regiões académicas?
Nem sei se chegou a haver regiões académicas. O que houve foram decretos e achava-se que isso era suficiente. Todo o processo de criação das regiões académicas começou mal.

Como devia ter começado?
Com comissões instaladoras das universidades, por exemplo. A ideia de expansão do ensino foi boa, mas o 'modus operandi' foi um disparate.

Como assim?
Para se criar uma região académica não se pode pôr a carroça em frente dos bois. Tinha de se criar uma comissão para instalar uma universidade. É assim que se faz em toda a parte do mundo. Não basta decretar. E mais. Geralmente, os reitores não são académicos. Não há espaços adequados. Os professores não têm o perfil desejado. Assim, como é possível trabalhar com seriedade? Aliás, o actual desenho curricular de

Fotos Mário Mujetes

Angola não serve os interesses das universidades nem serve os interesses de Angola. Tem de se criar cooperação com as melhores universidades do mundo.

Angola não se consegue virar?
Por si só, não. É um país novo. Quando os portugueses saíram, deixaram uma universidade na fase inicial. Com a guerra, o ensino ficou para trás. Tem de reconhecer as fragilidades e apostar na cooperação. Se não conseguir qualificar os quadros, a batalha para o desenvolvimento vai ficar adiada.

E quais são as consequências?
São claras. Não existe nenhuma instituição do ensino superior no 'ranking' das 100 melhores universidades de África. Não se faz investigação. Não há ligação com as empresas e com o meio ao redor. Os professores são aulistas. Dão fotocópias aos alunos e depois fazem perguntas de natureza conceptual. É de uma infantilidade inacreditável. E o problema de empregabilidade de quem termina o ensino superior é grande.

> **Muitos professores são 'aulistas'. Dão fotocópias aos alunos e depois fazem perguntas de natureza conceptual.**

Se não for o Estado a empregar, onde vão trabalhar? Não é em vão que as empresas privadas preferem trazer pessoas de fora, com mais custos, porque não encontram, em Angola, quadros qualificados.

É um problema só de Angola?
É um problema geral de África, mas interessa-nos falar de Angola porque é um país potencialmente rico e ninguém compreende porque está estagnado. Deve haver uma política de importação de quadros, porque há muitos angolanos altamente qualificados na diáspora. Isso cria competitividade.

Que alunos tem encontrado?
Lecciono literatura e língua portuguesa, uma das áreas mais difíceis de se trabalhar em Angola. Os alunos do secundário chegam sem a literacia mínima. Há alunos que nunca leram uma obra da literatura universal. Há alunos que não escrevem uma frase sem cometer um erro e, no superior, não conseguem fazer um comentário de um texto. Para não falar de professores que, do ponto de vista epistemológico, não estão preparados. Ensinam coisas complexas com uma inocência e ligeireza inacreditáveis.

Já se sentiu forçado a baixar ao nível dos alunos?
Quase sempre tenho de ser benevolente, senão é impossível trabalhar. A área de desenvolvimento potencial é extremamente baixa. Quem vem com grandes expectativas tem de baixar.

ANGOLA DEVE ADERIR

Como vê o português de Angola?
Nesse aspecto, Angola está a remar contra a maré. Angola, usando argumentos que não são técnicos, mas de natureza étnica, decide não sufragar a nova grafia.
Como não tem ferramenta própria, o que agora impera é a nova grafia. Porque quase tudo vem do Brasil ou de Portugal, que já aderiram ao acordo. De facto, o acordo já está cá. Por isso é que, na universidade, nunca corrijo um aluno que usa a nova grafia.

É a favor da nova grafia?
Não. Sou contra, porque acho que é um disparate, até no plano técnico, há várias incoerências. Se a antiga grafia já era complexa, agora então tornou-se um caos. Mas não se pode estar a remar contra a maré.

Mas não se deve ter em conta as línguas angolanas?
As bases de uma ortografia não têm nada a ver com palavras das línguas nacionais. Uma vez que o país adopta uma determinada grafia, as palavras passam a ser escritas de acordo com aquela grafia, porque está na base da ortografia. É uma convenção e não filiação etimológica.

Não se perderia a identidade?
É uma falácia. A academia deve decidir, de forma arbitrária, porque não há nenhuma diferença, do ponto de vista fonético, escrever Cuanza ou Quanza. O k, no português, só se usa em expressões estrangeiras.

Isso não pode servir para palavras de origem angolana?
Podem, desde que a academia decida e passe a ser lei. O que não se pode fazer é andar à volta dessa confabulação romanesca de que kwanza desde a sua origem se escreveu com k. Esta palavra foi escrita, pela primeira vez, por uma potência estrangeira, porque nós não escrevíamos. As nossas culturas são de tradição oral. Dizíamos kwanza, mas como é que se escrevia?

O QUE É ESSENCIAL NOS DIAS DE HOJE?

96.1 fm

Facebook

Jornal Nova Gazeta

Nova Gazeta

Gosto | Seguir | Partilhar | ... | Enviar Mensagem

- Página inicial
- Publicações
- Vídeos
- Fotos
- Sobre
- Comunidade

Criar uma página

Pergunta da semana:

Abrem hoje, 24 de Maio, as candidaturas para bolsas de estudo de graduação e pós-graduação, promovidas pelo Inagbe. As inscrições são online e só terminam a 22 de Junho. Que cursos devem ter prioridade?

Pergunta da próxima semana:

Grande parte dos estudantes universitários, segundo o professor Mário Reis, da UKB, não consegue comentar um texto de média complexidade. O que estará na base desse problema?

3,7m Comentários

Pascoal Beleblanck
As bolsas internas devem ser abrangentes a todos os cursos e as bolsas externas devem priorizar os cursos que não são leccionados no país.

Rufino Tjongolo Rufino
A bolsa deve ser extensiva a todos os cursos, a prioridade deverá ser dada àqueles estudantes de baixa renda.

Manuel Quitari
Embora não haja cursos prioritários no sector do emprego, Angola ainda necessita de cursos de ciências da saúde, sociais e exactas.

Bênção David Diampanga
As áreas do saber são como as partes do corpo humano. Cada uma delas é importante e prioritária. O país faz-se de ciências sociais e humanas, ciências exactas e engenharias.

Sapuya Pinoca Wendalika
Para as bolsas externas devem priorizar as engenharias, com realce para a agronomia. O país necessita de impulsionar a produção agro-pecuária, por ser a base do desenvolvimento.

Pacheco Jaime Cololo
Não devemos ser limitados. Se quisermos ter um país desenvolvido, temos de formar o povo em vários campos, pois Angola ainda é fértil.

Dâmaso Agostinho
Não deve haver cursos prioritários, até porque todos não servem mesmo para nada! Devem ser seleccionados os que tiverem boas notas.

JB Chiteculo John
Todos os cursos são prioritários, a depender do interesse de cada candidato. Esperamos que, desta vez, haja transparência na selecção dos concorrentes.

Alexandre Vilombo
As bolsas devem ser dadas para formações ligadas aos sectores primário e secundário, para que a teórica diversificação da economia seja um facto.

Adelino Cabange
Deve dar-se prioridade aos sectores prioritários como Educação e Saúde, até porque são áreas com grande défice de técnicos.

Jilson Soares
Todos os cursos são prioridade, dependendo do empenho. De tanto priorizarem cursos técnicos, acabamos por estragar a sociedade. Os agentes sociais ajudam para o bem-estar das famílias.

Thomas Blaise N'kembo
A prioridade é mais para cursos como ciências médicas, engenharias, Química, Informática.

Amilto Martins
Todo o curso de ser prioridade, para não ser encarado como desvalorização de outras áreas do saber.

Rosa Chimuco
Não existe curso superior sem os outros cursos, por isso não podemos desvalorizar nenhum curso. Todos são importantes para o desenvolvimento do país.

Pub

Curiosidades

Tecnologia

Relógio lê emoções humanas

A Amazon está a criar um aparelho que consegue ler e detectar emoções humanas. O 'gadget' será controlado pela voz e pode ser usado no pulso, como um relógio. É descrito como um produto de saúde e bem-estar.

O aparelho será utilizado em conjunto com uma aplicação para o telemóvel e está equipado com microfones que conseguem perceber e ler o estado emocional de quem o usa. Segundo documentos sobre o projecto a que o Bloomberg teve acesso, o aparelho poderá ajudar e aconselhar os seus utilizadores a interagirem com outras pessoas. O objectivo da Amazon é ainda o de recomendar produtos ao seu público de acordo com os estados emocionais registados pelo aparelho.

No entanto, é desconhecida a fase de desenvolvimento em que o projecto se encontra. A Amazon, uma das maiores empresas do mundo, é conhecida por dar liberdade às suas equipas e trabalhadores para que desenvolvam produtos como este. Alguns nem chegam a ser comercializados. Ainda assim, a Amazon tem a ambição de se impor como líder no mercado de software de reconhecimento de voz e aparelhos electrónicos, pelo que este novo 'gadjet' pode incluir ambos.

Observador

Estudo

Plástico está a afectar os espermatozóides

Um estudo recente da Universidade de Nottingham, no Reino Unido, mostra como as substâncias químicas no ambiente estão a afectar a qualidade e a quantidade de espermatozóides em homens e em cães. Nomeadamente dois principais produtos químicos comuns, utilizados em ambientes domésticos. São eles o dietilhexilftalato (ou ftalato, derivado do ácido ftálico e utilizado como aditivo para deixar o plástico mais maleável) e o bifenilo policlorado 153 (PCB153), que podem ser encontrados em plásticos e equipamentos eléctricos mais antigos. Apesar da relação directa que este estudo expõe entre o nível de espermatozóides e estes químicos, não é o primeiro que alerta para o facto de os espermatozóides dos homens estarem em declínio, de acordo com o 'The Guardian'.

São já vários os relatórios de investigação que mostram como a quantidade caiu para metade nos últimos 50 anos ou mais. Mas a causa exacta deste declínio nunca foi avançada.

DN

Abre a mente

Jonas Savimbi foi um político e guerrilheiro angolano e líder da Unita (maior partido da Oposição) durante mais de 30 anos. A 1 de Junho deste ano estão previstas as suas exéquias. Em que província vai acontecer a cerimónia?

a) Moxico
b) Huambo
c) Bié

Resposta: C

Qual destes é um conceituado escritor angolano?

a) Amílcar Xavier
b) Artur Pestana
c) Rui Ferreira

Resposta: B

Michael Jackson foi um cantor, compositor, dançarino, produtore activista norte-americano. Segundo a revista 'Rolling Stone', chegou a facturar cerca de sete biliões de dólares, tornando-se o artista mais rico da história, enquanto esteve em vida. Em data o 'astro' do pop morreu?

a) 25 de Junho de 2009
b) 25 de Julho de 2009
c) 29 de Agosto de 2009

Resposta: A

O que é Brexit?

a) Saída do Reino Unido da Zona Euro
b) Mudança do sistema de governo no Reino Unido
c) Saída do Reino Unido da União Europeia

Resposta: C

Lady D era o apelido de qual personalidade?

a) Joana d'Arc
b) Diana, a Princesa de Gales
c) Grace Kelly

Resposta: B

Professor Ferrão

Senta-se aqui um pouquinho...

Não haja pretensão de que o português seja uma língua fácil, pois não é. É muito dúctil, é verdade, mas também é muito cheia de labirintos. Claro que não admira tal dificuldade. Quase todas as palavras em português flexionam, isto é, podem mudar de número (singular-plural), de género (masculino-feminino), alterar o tempo gramatical (presente, futuro, pretérito…), o modo (indicativo, conjuntivo, imperativo…), o aspecto, etc., etc.

Só um pequeno grupo de vocábulos em que se encontram **as preposições, conjunções, advérbios e interjeições** é que se mantém invariável. A palavra 'não', por exemplo, é invariável. Mas a língua procurou, ainda assim, um jeitinho de a tornar maleável e emperrá-la para os substantivos. "Dou-te um '**não**' ou dois (**nãos**) e fica tudo resolvido".

E os verbos? Parece um assunto que se resolve com uma simples conjugação. Não. Ultrapassa essa fronteira. Mais do que saber de cor e salteado que o presente de '**amar**' é am**o**; -**as**, -**a**; -**amos**, -**ais e** –**am**, conjugar é saber empregar tais formas no momento certo, no lugar certo e com a(s) pessoa(s) certa(s). É também saber tratar bem das pessoas usando correctamente as formas de tratamento, que devem ser escolhidas e mantidas, fazendo sempre as devidas concordâncias com as formas dos pronomes correspondentes.

Quem quer conjugar bem os verbos deve fazer o esforço de não tratar – durante um conversa – a mesma pessoa por **tu** e **você** em simultâneo. É difícil manter isso, mas pode ser possível. Até porque, às vezes, isso pode dizer alguma coisa sobre a nossa educação.

Quando ouvi da jovem numa clínica, em Luanda, dizer "…meu senhor, **senta-se** aqui um pouquinho, por favor", fiquei sem sabem se, para ela, eu era tratado por 'tu' ou por 'você'. Porquê? É simples.

Com a forma verbal '**senta**' – já no imperativo –, nós seleccionamos a forma de tratamento 'tu'. E com o pronome reflexo '**se**', seleccionamos a forma 'você', o/a 'senhor(a)'.

Para evitar arbitrariedades, convém, nesse caso, optar por "s**ente-se**…" ou "**senta-te**…", tudo dependendo do grau de proximidade (tratamento por **tu**) ou de distanciamento (tratamento por **você**) que mantemos com o nosso interlocutor.

Desporto

Apostas ilegais

Futebolistas detidos

A polícia espanhola deteve vários futebolistas da I e II liga acusados de combinar resultados.

Segundo o jornal El País, as autoridades acusam os jogadores de formar uma organização criminosa para obter benefícios nas apostas desportivas. Os futebolistas foram detidos esta semana. Entre eles, o ex-jogador do Real Madrid, Raúl Bravo, por integrarem uma rede de apostas ilegais e dessa forma obter benefícios económicos.

Bravo é supostamente o 'cabecilha' da organização. Borja Fernández, do Valladolid, Carlos Aranda, ex-jogador de várias equipas da I Liga, Samuel Saiz Alonso, do Getafe, e Íñigo López Montaña, do Corunha e do Huesca também foram detidos. Foram ainda detidos Agustín Lasaosa, presidente, e Juan Carlos Galindo Lanuza, chefe da equipa médica do Huesca. Todos são acusados de associação criminosa, corrupção e branqueamento de capitais.

Fotos: D.R.

Fotos: D.R.

Embora com muitos atropelos associados às dificuldades dos clubes, Hélder Teixeira elogia o futebol angolano.

Hélder Teixeira, treinador de futebol

Perto de comer o 'pão que o diabo amassou'

Foi guarda-redes da selecção nacional e terminou a carreira no Petro de Luanda. Actualmente é treinador do Progresso do Sambizanga e deseja conquistar um campeonato nacional e uma taça de Angola e trabalhar com o argentino Diego Simeone. Ao NG, conta as dificuldades vividas no último ano, desde a péssima alimentação, até a noite dormida na mata.

Raimundo Ngunza

Hélder Teixeira acabou a carreira de jogador de futebol, mas não se desligou da modalidade. Apesar da crise que alguns clubes atravessam, considera ter tido uma carreira "boa" e já orientou clubes como Santa Rita, 1.º de Maio de Benguela e Mambroa. Hélder Teixeira define-se como um treinador "bastante atento" e com "vontade de evoluir na carreira. Como prova disto, são os cursos realizados de níveis um a três, o que lhe habilita treinar qualquer equipa, quer em África, quer na Europa, Ásia e Oceânia. Garante ter um conhecimento profundo na posição de guarda-redes e, às vezes, dá alguns palpites aos atletas desta posição, deixando o resto com o treinador de guarda-redes do clube.

Após uma época coroada de sucesso e glória, com a conquista do Girabola e Taça de Angola, a equipa do 1.º de Agosto, tetra-campeã nacional, abre a época desportiva a 1 de Julho, com a realização dos habituais testes médicos e físicos.

Admirador de Simeone

Hélder Teixeira estreou-se como treinador principal, em 2008, ao serviço do Recreativo da Caála, ainda na II divisão. Um ano depois, rumou ao Benfica do Huambo, também na II divisão, onde também depois de um ano foi para o Kafanda do Bengo, ainda na mesma divisão. Regressou ao Recreativo da Caála em 2011, para coordenar as camadas de formação e treinar a equipa de juniores, com a qual viria a sagrar-se vice-campeão nacional em 2014, depois de ter sido terceiro classificado no ano seguinte.

Como futebolista, notabilizou-se no Benfica do Huambo, ainda muito jovem, proveniente do Desportivo de Benguela. Atingiu o auge da carreira defendendo a baliza do Petro de Luanda, onde foi tricampeão nacional (1993, 1994 e 1995), vencedor de duas taças de Angola e duas supertaças. Entre 1994 e 1995 era presença constante nas convocatórias da selecção nacional, nos torneios de apuramento ao campeonato do Mundo e de África. Admira a entrega e a garra do treinador argentino Diego Semione e confessa que gostaria de trabalhar com ele, mas sente-se um adepto do Manchester City.

Apesar da crise que alguns clubes atravessam, considera ter tido uma carreira "boa" e já orientou clubes como Santa Rita, 1.º de Maio de Benguela e Mambroa.

O treinador considera ter boas relações com os colegas de profissão, quer nacionais como estrangeiros.

Hélder Teixeira confessa que viveram momentos difíceis, desde a alimentação "péssima" e até o ter de "passar uma noite na mata.

Embora com muitos atropelos associados às dificuldades dos clubes, Hélder Teixeira elogia o futebol angolano, por "estar no caminho certo", mas ainda defende que haja "mais investimentos para se melhorar a qualidade, produtividade e competitividade entre clubes. Como exemplo, cita a boa campanha realizada pelo Petro de Luanda e o 1.º de Agosto nas Afrotaças e daí a Confederação Africana de Futebol (CAF) acrescentar mais um clube na liga dos clubes campeões. "É fruto de muito trabalho dos clubes e treinadores", conclui.

CHICOTADA E SEM PRÉMIOS

No início da temporada do ano passado, a direcção do seu actual clube tinha-o dispensado por alegada falta de condições financeiras para manter os salários, não estando em causa os resultados da equipa no campeonato. Mas a direcção do Progresso do Sambizanga, presidido por Paixão Júnior, recuou na decisão, tendo chamado o treinador para regressar ao comando da equipa. O clube terminou o campeonato em 8º lugar com 37 pontos.

Mas o clube continua a viver com inúmeras dificuldades financeiras, como consequência da crise. Teve de recorrer aos préstimos de um técnico dos seus quadros que conseguiu terminar o resto da temporada. Hélder Teixeira confessa que viveram momentos difíceis, desde a alimentação "péssima" e até o ter de "passar uma noite na mata", porque o autocarro teve problemas técnicos. Além dos atletas, os funcionários do clube também vivem o drama da falta de salários e a solução encontrada foi a direcção ter posto à disposição dois mini-autocarros para fazer serviços de táxis.

O técnico sublinha que não 'comeu o pão que o diabo amassou', mas esteve "próximo disto" e também não pretende viver a mesma situação com os seus atletas.

RELAÇÃO COM OS COLEGAS

O treinador considera ter boas relações com os colegas de profissão, quer nacionais como estrangeiros, mas não gosta de ouvir chamar os expatriados de professores e ver os angolanos relegados para segundo plano. Hélder Teixeira entende que "todo o treinador é professor e deve ser tratado da mesma forma". Mostra-se solidário com a situação do antigo capitão da selecção nacional, 'Akwá', sobre a divida que este possui e garante quer o Estado, como a Federação Angolana de Futebol não podem virar as costas antigo jogador, considerando-o "uma referência do futebol angolano" e, por isso, "deve o nosso respeito". O ex-deputado e capitão dos Palancas Negras não trabalha como profissional de futebol por estar sancionado pela FIFA e precisa de pelo menos 260 mil dólares, cerca de 82,5 milhões de kwanzas, para pagar a multa no cklube Qatar SC.

Basquetebol

Taça 1 de Junho

Mais de 30 equipas, entre masculinos e femininos, vão participar da 4ª edição da Taça '1 de Junho' em basquetebol de formação. O projecto visa, anualmente, dar ritmo competitivo aos mais jovens e ao mesmo tempo festejar a data. Realizado pela agência desportiva Mark Sport, apadrinhado pelo atleta do Virtus Bologna e da selecção nacional Yanick Moreira, o evento decorrerá a 1 e 2 de Junho no Helmarc Arena do Kilamba.

Ténis

AIBA realiza torneio

Com o lema 'Sede de Desporto', o Clube de Ténis de Luanda acolhe de 31 de Maio a 2 de Junho, a 3ª edição do torneio de Ténis AIBA Infanto-Juvenil. O torneio, que vai na 3ª edição, espera ultrapassar as mais de 80 inscrições, batendo o recorde do ano passado. O objectivo é promover valores como a saúde, cooperação e respeito entre os mais jovens, bem como a descoberta de talentos num desporto a nível mundial e que já conta com nomes de peso nacionais.

De acordo com o presidente Manuel Victoriano Sumbula, a AIBA entende que são estes os valores fundamentais para um crescimento mais saudável, apostando neste torneio como um investimento intangível que produzirá grandes resultados.

Petro de Luanda

Tomás Faria de saída

Por questões pessoais, o actual presidente do Petro de Luanda, Tomás Faria, pode estar de saída e afastou qualquer possibilidade de concorrer em 2020 para um segundo mandato. Eleito em 2014, em lista única, Tomás Faria referiu ser desgastante essas funções no clube, declarando que um outro elenco "poderá fazer melhor".

Durante a conferencia de imprensa, do balanço da época desportiva, o presidente considerou "negativa" a prestação da equipa principal de futebol no Girabola e admitiu a possibilidade de reforçar o plantel, igualmente com jogadores internacionais que serão anunciados em tempo oportuno.

Fotos: D.R.

Cultura

Ideias sobre África defendidas por José Luís Mendonça e Mário Joaquim dos Reis

"Os intelectuais têm de se

Dois docentes universitários, em palestra no Dia de África, não escondem o desapontamento com a falta de comunicação em África. Recomendam que os intelectuais sejam incluídos nas cimeiras da União Africana, ao lado dos chefes de Estado e do Governo. José Luís Mendonça alerta para os perigos da globalização. Mário Joaquim dos Reis lembra a violência defendida por pensadores como forma de prevenção para que não se repitam erros. Ambos defendem que os intelectuais não devem estar em partidos políticos.

Amélia Santos

A alegada falta de comunicação cultural entre intelectuais africanos dominou a palestra 'O Síndrome da Invisibilidade Cultural entre As Nações da África Austral' proferida pelos docentes José Luís Mendonça e Mário Joaquim dos Reis, a semana passada, na Faculdade de Letras, em Luanda, em alusão ao Dia de África.

Os dois admitem temer a "invasão" da globalização e possíveis conflitos culturais, que podem advir. A falta de divulgação e o não uso das ferramentas electrónicas foram dos problemas apontados mais apontados José Luís Mendonça, também escritor e jornalista, que os considera graves por "não promover a unidade do continente".

José Luís Mendonça alerta que as sociedades estão a ser "invadidas" pela cultura anglo-saxónica, dando, como exemplo, os jovens que actualmente cantam jazz e música brasileira e "apelidam de bossa nova de Angola" e desconfia que "não existe" uma preocupação com a cultura africana. Afirma mesmo em dizer que não conhecem Manu Dibango e a cultura africana. "Estamos a ficar europeus e europeizados", alerta.

Por isso, propõe que se faça uma diplomacia cultural dos países africanos, de modo a que se use instrumentos electrónicos, aconselhando que se façam investimentos nesse processo. "Tem de haver uma cooperação cultural", recomenda.

José Mendonça critica ainda que nas cimeiras da União Africana não estejam presentes ou representados intelectuais de países africanos "Quem participa são os chefes de Estado e do governos e outros chefes técnicos, é preciso que cada país leve um intelectual". No entanto, alerta para que não sejam os dos partidos políticos. "Os intelectuais têm de ser apartidários, pois não vão lá para defender política de partido nenhum, mas para defender a cultura. O que está a faltar na União Africana é uma cimeira de intelectuais independentes" defende.

Mário Joaquim dos Reis destaca a "violência intelectual perpetrada pelos intelectuais pode, de certa forma, preparar uma violência física pelos discursos proferidos". No entanto, alerta

Patrícia Faria actua a 31, no Centro Cultural Chá de Caxinde, em Luanda, às 20 horas, no âmbito do projecto 'Concerto Acústico, Entre a Poesia, a Música e o Humor'. Bilhetes a 15 mil kwanzas, com bar aberto e 'buffet'

er apartidários"

que se pode também prevenir-la: "na nossa história, de forma geral, os grandes massacres foram precedidos por discursos de ódio feitos por intelectuais". "Eles nunca são neutros ou tomam partido em relação ao partido vigente ou são outros" E dá como exemplo o caso do genocídio no Ruanda, "que mais nos envergonha".

Por isso, aconselha aos jovens a lerem os discursos dos intelectuais com cautela, porque podem prevenir ou anunciar situações mais complexas. "O problema de comunicação dos intelectuais africanos tem que ver com a situação do poder, porque o intelectual africano ou bajula o poder político, tendo em conta as expectativas que pode ser premiado com um cargo, ou é tido como o do contraditório, os chamados 'revus'." Mário dos Reis considera que essas designações "nunca são neutras", porque trazem por "detrás formas de denegrir o outro, que é um problema de comunicação".

> "Os intelectuais têm de ser apartidários, pois não vão lá para defender política de partido nenhum, mas para defender a cultura."

> "A violência intelectual perpetrada pelos intelectuais pode, de certa forma, preparar uma violência física pelos discursos proferidos."

José Luís Mendonça, docente e um dos prelectores

Outro problema identificado pelo docente é o da linguística, em que defende que um intelectual "tem de ser poliglota, para que haja diálogo". Pega no exemplo da falta de informação, apesar do "excesso de notícias que essas plataformas oferecem", alertando que um intelectual "tem de ter a capacidade de filtrar e informação e promover encontros". "A comunicação em plataforma digital é sempre virtual e não autêntica. O que se deve fazer é promover encontros entre intelectuais africanos, o que não existe, porque vivemos de costas viradas, de vez em quando, um fórum organizado pela Europa, mas depois a história morre por aí".

O docente identifica duas vertentes nos conflitos culturais provocados pela globalização. Por um lado, "as pessoas viram-se para a integridade aquilo que é genuinamente africano e, por outro, há os que acham o que é genuinamente africano existe, mas apenas de forma romanesca". "Hoje somos objectos de bens técnicos e culturais feitos por outras culturas, porque o africano gosta de telemóveis de última geração, carros caros e quando, importamos esses bens, a nossa visão do mundo é alterada".

Por exemplo, Cabinda promove a maneira de vestir, africanamente, mas "em Luanda somos completamente europeus. Até na Assembleia, não se vê deputados vestidos de trajes africanos."

Cinematografia

Agentes querem património recuperado

Os agentes culturais angolanos defenderam, recentemente, a recuperação e preservação do património cinematográfico nacional, durante o VII Conselho Consultivo do Ministério da Cultura que teve lugar no Bengo, presidido pela ministra Carolina Cerqueira.

A actual situação do cinema angolano, segundo os agentes, é caracterizado pela "estagnação, falta de financiamento dos projectos, profissionais com necessidade de formação e falta de salas para a exibição das poucas obras produzidas".

Com a recuperação desse património, pretende-se o ressurgimento do Fundo de Desenvolvimento do Cinema e a produção de diplomas complementares à regulação do sector do cinema e audiovisual.

No encontro, os participantes apontaram a necessidade de se apresentarem propostas para o modelo de utilização da Ex-Tourada, das antigas instalações da Assembleia Nacional e do Teatro Avenida, considerando que se deve procurar financiamento para os projectos culturais, relacionados com a valorização do património histórico-cultural e das indústrias culturais e criativas.

De 30 de Maio a 1 de Junho

Catete acolhe festival Manguxiandu

O Festival Manguxiandu: Katete Terra das Artes, da Promessa e da Liberdade' tem início hoje e encerra no sábado (1 de Junho), no Centro Cultural Dr. António Agostinho Neto, em Catete, Bengo

O evento, que tem a parceria do atelier D'Artes Lucengomono, prevê uma feira gastronómica, exposições, roda de capoeira, teatro, dança, cinema e concertos em que vão participar artistas de Luanda e do Bengo.

O programa inclui conferências sobre cultura da região e a vida dos artistas de Catete, com destaque para palestras com temas como 'Katete terra das Artes, da Promessa e da Liberdade'; 'Kamoso: a alma do hungo na terra de Neto'; 'História e Preservação: Ampliação do acesso à música popular angolana' e 'O impacto da formação e dos órgãos de comunicação social como factores de instrução e divulgação da música popular de Angola'.

Prevê-se igualmente o lançamento de livros e discos com a objectivo de aproximar o público de Icolo e Bengo dos artistas nacionais, assim como incentivar o intercâmbio cultural, fomentar o turismo e despertar o interesse pela terra natal do fundador da nação, António Agostinho Neto.

Agenda

Nova Gazeta
Quinta-feira 30 de Maio 2019

● DE 6 A 9 DE JUNHO
O grupo Horizonte Njinga Mbande estreia a peça 'A Ponte do Inferno ao Demônio', no seu auditório, a partir das 20 horas. Ingressos entre 2.500 e 3.500 kwanzas.

LUANDA

● ATÉ 5 DE JUNHO
Exposição de Ricardo Kapuka 'Presente Futuro', no Espaço Luanda Arte.

● 30 DE MAIO
Concerto lírico com os 4 Lyrikhus, na Laasp-ex Liga Africana, às 20 horas. Ingressos a 2.500 kwanzas.

● 30 DE MAIO
Inauguração da exposição de Rui Guarpo Garção intitulada 'A Libertação e os Novos Caminhos', no Centro Cultural Camões, às 18 horas.

● 30 DE MAIO
Textualidades - Conversas Com Os Leitores com o escritor Jacques dos Santos, no Memorial Dr. António Agostinho Neto, às 16 horas. Entradas livres.

● DE 30 DE MAIO A 5 DE JUNHO
2.ª Edição do Festival de Cinema Francês, no Cinemax de Talatona. A iniciativa é da embaixada francesa e da Alliance Française de Luanda. Ingressos a 800 kwanzas.

● DE 31 DE MAIO A 1 DE JUNHO
O músico Gabriel Tchiema actua no hotel Royal Plaza, em Talatona, às 21 horas. Ingressos a 14 mil kz.

● 5 DE JUNHO
Goza TV com o TC e o escritor José Luís Mendonça, no Centro Cultural Camões, às 19 horas. Ingressos a 2.000 kwanzas.

● 6 DE JUNHO
Entre Sons e Palavras com Wieli Ribeiro, Dr. Beleza e Orlando Capata, na Laasp, ex-Liga Africana, a partir das 19 horas. Ingressos a 1.500 kwanzas.

● 7 DE JUNHO
'Eles Cantam Djavan' com a cantora Selda & Banda Carlos Praia Jazz Band, no Rooftop Park By Listensound, às 21 horas. Ingressos entre 5.000 e 10.000 kwanzas.

● 8 DE JUNHO
Grande Show de Puto Prata alusivo aos seus 18 anos de carreira, no cine Atlântico, às 20 horas.

● 8 E 9 DE JUNHO
5.º Campeonato internacional de Skim Board, em Cabo Ledo.

● 11 DE JUNHO
Lançamento do Livro 'A Turma do Sapo no Jardim da Amizade' da autoria da Turma do Sapo, no Centro Cultural Português, a partir das 9 horas. O livro vai ser comercializado a 1.500 kwanzas.

Música

Duetos N'Avenida na recta final

Os concertos Duetos N'Avenida produzidos pela Zona Jovem Produções encerram a segunda temporada do projecto artístico em Junho com Ary e Kyaku Kyadaff. De acordo com o director executivo da produtora, Figueira Ginga, o balanço da segunda temporada é "positivo", pois superou as expectativas e os lucros ultrapassaram os 10 milhões de kwanzas. "A avaliação foi excelente, os duetos foram quase perfeitos, para surpresa do público, os ingressos do espectáculo de Junho já esgotaram e já estamos a prever um segundo dia, como nos concertos anteriores."

A mais recente edição foi o dueto composto por Calado Show e Gilmário Vemba, um show de comédia no estilo 'stand up comedy'.

Duetos N'avenida é um projecto cultural, baseado na realização de espectáculos musicais, organizado pela Zona Jovem Produções, cuja primeira edição foi inaugurada por Euclides da Lomba e Gabriel Tchiema, seguida por Don Kikas e Walter Ananáz e Yola Semedo e Pérola.

Em Lisboa, na ARCO

Exposição com Francisco Vidal

Fronteiras Invisíveis' é a mais nova exposição individual do artista plástico Francisco Vidal integrada no programa paralelo da 4.ª edição da ARCO Lisboa 'Feira Internacional de Arte Contemporânea', que fica patente até 2 de Junho.

Francisco Vidal, de origem cabo-verdiana e angolana, que cresceu em Portugal, viveu em Berlim, Nova Iorque e Luanda. Na mostra 'Fronteira Invisíveis', apresenta códigos e referências culturais que ganham vida, forma e cor, através do desenho, escultura e instalação, debruçando-se sobre temas ligados à emigração e diáspora africana e a sua herança, no presente e no futuro, desenvolvendo exercícios e estudos, de ética e estética, que servem de bússola para uma leitura deste espaço de partilha de pensamento contemporâneo africano, que acontece muito além das suas latitudes geográficas.

Gente

Kwanza-Norte com nova miss

Priscila Grilo, de 19 anos, foi eleita, no último fim de semana, miss Kwanza-Norte 2020, em Ndalatando. Além desta estudante do 2º ano do curso superior de Economia, foram eleitas Priscila Bravo, de 20 anos, primeira-dama de honor, Jandira Monteiro, de 19 anos, segunda-dama, enquanto Vitoria Kalupeteca 'miss fotogenia' e Helena Martins, 'miss simpatia'.

Barrigão de Edusa

A actriz e apresentadora Edusa Chindecasse apareceu pela primeira vez ao lado do marido, Denis Fonseca, com uma barriga de grávida já notável de aproximadamente seis a sete meses, na 2.ª edição da gala dos Globos de Ouro Angola. Edusa esteve no Top 10 das mulheres mais lindas de África, elaborado pela revista internacional 'Kabibi', e fo ainda personalidade Lux 2016 e melhor actriz 2015.

Cardi B ostenta fortuna

A rapper e modelo e norte-americana Cardi B comprou um conjunto de pulseiras e brincos de diamantes para a filha, de apenas dez meses, avaliadas em 80 mil dólares. A pequena Kulture é fruto do casamento com o rapper norte-americano Offset. A cantora postou no Instagram todos os presentes que deu à filha.

Big Nelo em promoção

Big Nelo disponibilizou a mais recente música 'Já vivi isso antes', nas plataformas digitas, desde ontem. 'Já Vivi Isso Antes' é um dos temas promocionais do próximo álbum com previsão de venda par Junho ou Julho.

Kid MC bloqueia seguidores

O rapper Kid MC anunciou nas redes sociais que bloqueou 25 seguidores, por estes terem alegadamente faltado ao respeito e avisou que se tiver de bloquear mais, não vai hesitar. Como reação o músico postou "esses nunca mais vão poder comentar numa publicação alguma, nem emitir qualquer reacção ao que acontece aqui. Foram bloqueados porque faltaram com respeito em vez de se limitarem a emitir críticas".

Nova Gazeta
Quinta-feira 30 de Maio 2019

Editorial

Evaristo Mulaza
Director-Geral

Amadorismo generoso

Uma coisa é certa. Seja qual for o desfecho do vergonhoso espectáculo em torno da inumação de Jonas Savimbi, o Governo sai queimado na fotografia. Primeiro, porque foi politicamente negligente, ao subestimar todo o aproveitamento que a Unita programou retirar desse evento. Segundo, porque, ao tentar minimizar o estrago da sua negligência, fez com que a emenda saísse pior que o soneto. Num amadorismo perturbador, optou pela arrogância, recusando a alternativa do diálogo imediato. Consequência: ampliou um conflito que, no mínimo, já teria desaparecido das notícias.

Foto: D.R.

A estratégia de se excluir o Presidente da República da génese do impasse também foi mais bem aproveitada pela Unita do que pelo Governo. Desde logo, porque ninguém acredita que Pedro Sebastião tenha decidido abandonar as ossadas de Savimbi no Andulo, por sua conta e risco. O Presidente da República tem de ter acompanhado o caso a par e passo até pela sua sensibilidade. E, se não o fez, deveria tê-lo feito. A Unita, sabendo disso, fingiu engenhosamente que não sabia, ao escrever a João Lourenço com a intenção de colocar o Presidente como parte da solução e não do problema. Só que, para o desprazer de João Lourenço, no momento em que Samakuva assinava a carta, o poder negocial na resolução do conflito já estava equilibrado. A Unita não estaria mais disposta a receber "ordens de ninguém", sobretudo depois de os seus militantes e amigos se terem organizado, aos milhares, em vigílias no Bié e no Huambo.

O dilema para João Lourenço estava montado. Perante a recusa da Unita e da família em recolherem os restos mortais de Savimbi no Andulo, antes da inumação, qualquer decisão pelo punho do Presidente teria custos reputacionais para ele próprio e para o seu Governo. Não responder à carta de Samakuva antes do dia 1 de Junho, soaria à covardia. Autorizar os militares a darem destino incerto aos restos mortais de Savimbi, como chegou a ameaçar Pedro Sebastião, provaria que as iniciativas que pretendem consolidar a reconciliação nacional não passam de uma festa de egos. Ceder às exigências da Unita confirmaria o padrão que denuncia o amadorismo político do Governo.

Contas feitas, tudo deve terminar da forma como começámos. Seja qual for o desfecho desse espectáculo deprimente, a Unita ganha. Para o MPLA/Governo deveria sobrar, pelo menos, o consolo da aprendizagem: a tentativa eufórica de construção de um legado de pretensa ruptura está a deixar uns tantos à beira da insanidade. Só assim se explica que certos notáveis tenham defendido publicamente que as iniciativas que conduzem à consolidação da reconciliação são uma generosidade do Presidente da República.

Opinião

A mexer no ninho de marimbondos

Era expectável que a Unita iria aproveitar a oportunidade para criar um facto político com a exumação do corpo de Jonas Savimbi. Se não o fizesse é que seria de estranhar. Não é todos os dias que o partido tem toda a comunicação social com o foco apontado para um seu acto político que acabou por se transformar num acto de massas.

O erro do Governo foi ter aberto essa porta, em nome de uma alegada reconciliação nacional. E deve-se ter assustado quando leu o programa. Ao todo, sete dias, com recepções, música, missas e mais diversas festividades. Uma semana inteira com a Unita a entrar nas nossas casas, via rádio, via televisão. É claramente uma oportunidade de 'ouro' que a direcção da Unita nunca poderia desperdiçar.

Mas não vai ficar por aí, naturalmente. A intenção da Unita é transformar Jonas Savimbi num mártir e, como tal, ter um monumento e romarias anuais. Uma espécie de Nossa Senhora da Muxima, em umbundo. Politicamente, o fundador da Unita vai incomodar mais o MPLA, depois de morto, de que quando era vivo.

Angola precisa de um mártir como Jonas Savimbi?

João Lourenço previu mal a dimensão da 'festa' e desse gesto de reconciliação. Como historiador, cometeu o 'pecado' de não avaliar o passado. Até hoje, ninguém sabe o destino que se deu ao corpo de Adolf Hitler. Os soviéticos tudo fizeram para travar um enterro, evitando que um possível local inspirasse romarias. Até hoje. O mesmo aconteceu com Bin Laden, com os EUA a esconder todas as informações possíveis, e com Saddam Hussein e com Muammar Kadhafi, entre outros. O que o mundo político menos precisa é de mártires.

À apregoada generosidade do Presidente da República, a Unita respondeu com uma manifestação, recorrendo até militantes fardados. Passou um arrepio pela espinha, só com as lembranças que essas imagens trazem. João Lourenço mexeu no verdadeiro ninho de marimbondos.

Mas o Presidente poderia ser mais abrangente no gesto de reconciliação, exigindo que a Unita também entregasse os corpos das vítimas de Savimbi. Pelo menos, dos altos dirigentes como Wilson dos Santos e de membros da família Chingunji, cujo patriarca fundou a Unita, com… Jonas Savimbi. Isso seria a reconciliação mais ampla e verdadeiramente nacional.

Emídio Fernando
Editor Executivo

Carta ao Director

PRECISAMOS DE ÁGUA

Vivo na rua da Brasileira, em Viana, em Luanda, há mais de dez anos, mas, até hoje, não fomos contemplados com água canalizada. Um dos desejos é ver jorrar o líquido precioso nas nossas torneiras. Muitas vezes, temos de ir ao outro lado da estrada para conseguir um balde de água ou depender dos 'kupapatas'. É muito triste. Um país com rios e outras riquezas ainda carece do básico!?

Carlos José, Luanda

Geralda Embaló
Directora-Geral
Adjunta

Opinião

Agora pergunto eu...

E agora pergunto eu: que necessidade é essa que tem o Governo de procurar sarna para se coçar? De andar a fomentar conflitos desnecessários? De, literalmente, desenterrar problemas como se houvesse falta deles? Primeiro, foi o anúncio de que o Governo (o mesmo que encontrou os cofres vazios) ia ressarcir as famílias das vítimas do '27 de Maio', uma tarefa hercúlea a que não se conhece principio ou fim, porque há coisas a que não se atribuem preços e depois porque até hoje não se começou sequer a contabilizar as vítimas dessa catástrofe. Depois, foram mexer com as ossadas do ícone da UNITA, com o resultado expectável de contribuir para o reforço e união do partido da oposição e de criar uma confusão sinistra em que ninguém fica bem na foto, com excepção da família cujos desejos foram atropelados pelas agendas e contra-agendas políticas. Não satisfeito, agora, a propósito da visita do ministro da Defesa português, anuncia que "os governos, angolano e português, iniciaram contactos para honrar os soldados portugueses que morreram em Angola durante a guerra colonial".

OKO, então e os vivos, senhores governantes?

Não obstante de temas como o '27 de Maio' necessitarem de atenção da sociedade para que a História e os erros cometidos não sejam esquecidos, a prioridade do Governo, em vez de andar a fazer fintas com os ossos alheios ou prometer ressarcir o que é impossível ressarcir, devia ser não deixar morrer à fome e sede os vivos. Os vivos e as suas crianças vivas por um fio no Cunene, por exemplo, ou como lhe conta o seu NG no texto sobre os centros de hemodiálise esta semana, por falta de medicamentos nas variadas unidades de saúde pública.

É verdade que não se pode deixar morrer a História e que temos de a honrar para, quanto mais não seja, nos servir de ensinamento presente e futuro. Os historiadores têm aqui uma responsabilidade pública acrescida de correr a registar essa História para que ela não se esfume do meio de nós e não se perca (fica o recado para o editor deste seu companheiro das quintas-feiras).

De resto, querido leitor, aprender com os erros do passado é uma dificuldade humana universal. Partilhei um vídeo 'online' que lembra isso mesmo em que se vê uma mulher, numa conferência de imprensa em que o conselheiro do presidente Donald Trump defendia a guerra com o Irão, ridicularizar a política externa dos EUA. Porque, não só não aprende com os erros cometidos no Iraque, invadido com a desculpa de que tinha armas, como escolhe ignorar todos os outros aliados que não querem guerras, para fazer valer a vontade de alguns como a Arábia Saudita, fazendo 'vista grossa' ao registo de direitos humanos, nesse caso, a troco de negociatas petrolíferas. A política sempre com os seus dois pesos e duas medidas de acordo com os seus interesses.

Mas, por difícil que seja a aprendizagem com os erros do passado, é bom, para o bem público e social, que a media, que comunica com as populações, tenha, pela responsabilidade que carrega, capacidade de aprender alguma coisa com o passado. A promoção de linguagem de ódio deve ser uma dessas coisas importantes a reter com as lições da História e em que a media não deve incorrer.

O papel carrasco da rádio no massacre do Ruanda está bem documentado e deve servir de lição. Mais recentemente, menos sanguinário, mas também bastante danoso, foi o papel da media brejeira do Reino Unido em veicular os disparates xenófobos e racistas propalados por políticos pró-Brexit com títulos do estilo "as nossas fronteiras estão a ser invadidas por criminosos" e que resultou naquela confusão. Um desses políticos vai responder em tribunal pelas aldrabices que espalhou durante a campanha para a saída da UE. Aqui mesmo é impossível esquecer palavras impressas que lançam arrepios espinha abaixo e que foram instrumentais para justificar e estimular a mortandade durante o período negro do '27 de Maio'. Títulos da laia de "o fuzilamento é o único castigo que os fraccionistas merecem", "é preciso agarrar já estes assassinos" ou "não haverá perdão". Palavras como "deviam deixar a gente cuspir-lhes na cara", "morte aos fraccionistas, lagartixas, corja" e expressões afins. Como é difícil aprender com o passado, esta semana voltam a ler-se palavras impressas com o eco desse clamor ao ódio e ao rancor, como: "não pode haver condescendência. Seja em nome do que for" ou "que a pena lhe seja pesada. Que nunca será demais" a propósito do julgamento do antigo ministro dos Transportes acusado de corrupção. Sem respeito à justiça, à presunção de inocência e com o intuito de proliferar a bílis que só nos pode envenenar a todos. Deixem a justiça trabalhar e foco no que precisamos de melhorar é o mínimo que se pede aos órgãos públicos e à media com responsabilidade social.

GEM Angola Global Media

FICHA TÉCNICA

Director-Geral: Evaristo Mulaza
Directora-Geral Adjunta: Geralda Embaló

Editor Executivo: Emídio Fernando
Subeditor: Edno Pimentel

Redacção: Amélia Santos, André Kivuandinga, Lúcia de Almeida, Miguel Daniel, Onélio Santiago, Raimundo Ngunza e Teresa Fukiady
Secretária de redacção: Rosa Ngola
Fotografia: Manuel Tomás, Mário Mujetes e Santos Samuesseca
Paginação: Francisco de Oliveira, João Vumbi e Edvandro Malungo
Correspondentes: Luís Morais (Huíla); Alberto Olímpio (Bié)
Revisores: Edno Pimentel, Evaristo Mulaza e Geralda Embaló

Propriedade e Distribuição: GEM Angola Global Media, Lda
Tiragem: 5000
Nº de Registo do MCS: 644/B/2012
GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA
Administração: Geralda Embaló e Evaristo Mulaza
Assistente: Mariquinha Rego
Departamento Administrativo: Jessy Ferrão, Júnior Manuel, Nelson Manuel, Maria Faustino
Departamento Comercial: Arieth Lopes e Geovana Fernandes .
Tel.: +244941784790-(1)-(2)
N.º de Contribuinte: 5401180721;
N.º de registo: 92/82 de 18/10/82
Tel.: +244 936272323
Telefones: 222 32 05 10, 222 320511, Fax: 222 32 05 14,
E-mail: redacao@novagazeta.co.ao /novagazetadirector@gmail.com / jornalnovagazeta@gmail.com
Endereço: Rua Fernão Mendes Pinto, n.º35, Alvalade, Luanda/Angola,

Frases

Hélder Mendes, músico
"Mais tarde ou mais cedo, há sempre alguém que reconhece o nosso trabalho e o valoriza. Mas, no seio artístico, há tanto ego que eu nunca pensei que seria reconhecido por grandes artistas!"
Facebook

Reginaldo Silva, jornalista
"Pode até ser só impressão minha, mas, de facto, todas as iniciativas politicamente mais arrojadas que JLo já teve acabam sempre por ser marcadas por estranhos e preocupantes incidentes."
Facebook

Alberto de Oliveira, historiador
"Embora eu entenda que um historiador deva pugnar pela verdade, doa a quem doer, nunca se pode dizer que haja uma verdade única. As perspectivas dos homens são sempre diferentes e é isso que dignifica a História e as demais ciências sociais. O importante é que sejamos intelectualmente honestos."
Jornal de Angola

Kialunga Afonso, escritor
"A literatura como arte é também uma oficina onde o mestre orienta, com a prática, o aluno, sendo essa uma medida importante para quem quer caminhar no mundo da literatura."
Angop

Beatriz Franck, empresária
"Fazer o que você gosta é Liberdade. Gostar do que você faz é felicidade. Desde que lancei a Beatrizfranck sinto-me a mulher mais feliz do mundo, sempre foi meu sonho, sou grata pelo 'feedback', por gostarem e por se identificarem com as roupas."
Instagram

A fechar

Crianças em Congresso

Para celebrar o Dia Internacional de Criança, que se assinala a 1 de Junho, a Escola Nacional de Administração e Políticas Públicas da ENAPP, o Sistema Integrado de Atendimento ao Cidadão (SIAC) e o grupo de reflexão 'Social and Economic Reflections' (S&ER) organizam o 1.º Congresso Mirim, neste sábado.

Os Direitos das Crianças e os 11 Compromissos de Angola para com a Criança serão o tema principal deste primeiro congresso, que terá a participação exclusiva de crianças, garantindo, assim, que haja espaço e tempo para abordarem formalmente temas relacionados com o presente, futuro, partilhando a visão das mesmas.

O evento prevê reunir cerca de 500 crianças no auditório da ENAPP. As crianças vão ser prelectoras, moderadoras, mestres de cerimónia e participantes, cabendo aos adultos a função de orientação e assistência.

A participação no 1º Congresso Mirim é gratuita e aberta a todas as crianças, de acordo com a capacidade do espaço que albergará o evento. Durante a parte da tarde e no espaço ao ar livre, está prevista uma Feira do Livro Infantil, com a presença de alguns autores, além de ser um espaço para recreação e várias atracções para crianças.

Olho do repórter... Santos Samuesseca

Peões fazem travessia numa ponte a desabar no bairro Cantinton, Luanda.

ZAP restitui valores

A partir de sábado, 1 de Junho, a distribuidora de canais televisivos por satélite Zap deve começar a restituir os valores dos pacotes Mini, Max e Premium, cobrados a mais de forma unilateral entre 26 de Fevereiro a 31 de Maio.

Num comunicado emitido esta semana, o Instituto Nacional das Comunicações (Inacom) refere que a Zap deverá também efectuar a redução dos preços dos referidos serviços, mediante actualização dos preços dos pacotes, proposto pelo órgão regulador.

Em Março, em função das reclamações apresentadas pelas operadoras, inerentes aos custos operacionais, o Inacom anunciou que actualizaria, de forma faseada, a partir de Abril, os preços de serviços de televisão por assinatura e a primeira actualização não deveria exceder os 25 por cento. A segunda actualização poderá acontecer em Julho próximo e não deverá exceder os 13 por cento.

A 26 de Fevereiro, a ZAP alterou as tarifas dos serviços, sem anuência do órgão regulador, tendo o pacote Mini para 30 dias, que custava 2.200 kwanzas, passado para 3.100 kwanzas, e o Max, que custava 4.400 kwanzas para 6.200 kwanzas. O pacote Premium, que estava no valor de 8.800 kwanzas, passou para 12.400 kwanzas.

Por alterar as tarifas sem consultar a entidade reguladora, a ZAP foi multada e orientada pelo Inacom a recuar. O Inacom clarifica que a Zap deve garantir aos clientes a opção de escolha entre o crédito/desconto no próximo pagamento ou a actualização do pacote com base nos créditos acumulados no período em referência, ou ainda, mediante solicitação prévia, a transformação do crédito em conta, correspondente a dias de visualização.

Segundo o Inacom, com vista a salvaguardar o direito à informação, a distribuidora deverá assegurar e adoptar medidas expeditas, tendentes a informar de forma precisa, clara e adequada aos seus clientes/consumidores sobre o processo de restituição dos créditos.

Agora Angola tem mais...
Valor Económico